

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP

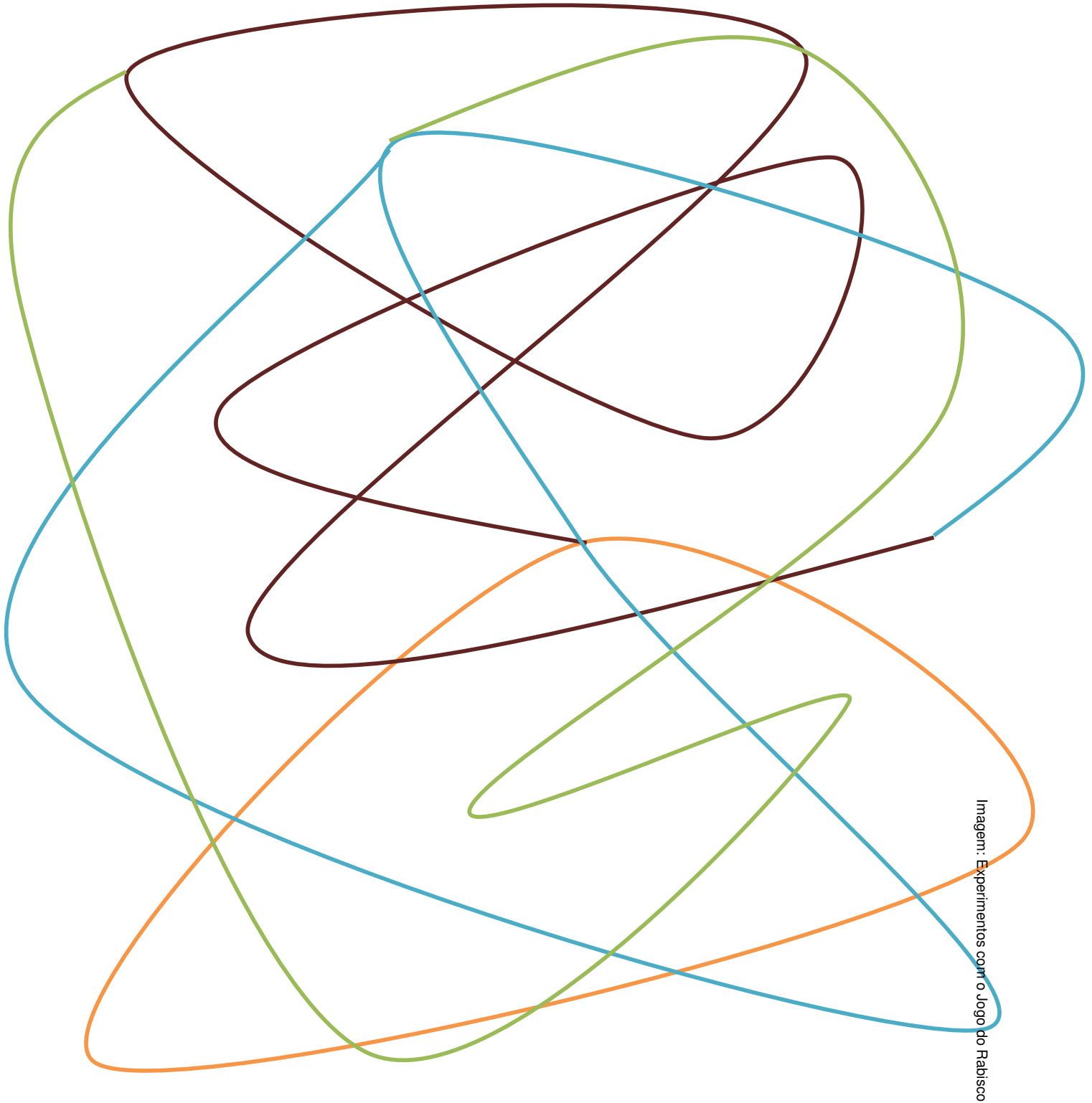


Imagem: Experimentos com o Jogo do Fabisco

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – www.aatesp.com.br/artigos.htm. Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Máira Bonafé Sei – AATESP

Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Esp. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFG

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande

Dra. Cristina Dias Alessandrini – Alquimy Art

Ms. Lídia Laçava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann

Esp. Oneide Regina Depret – UNIP

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Esp. Sandro Leite – PUCSP/FMU

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – PUECAMP

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Máira Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2009-2010

Diretora

Maíra Bonafé Sei

1ª. Secretária

Maria de Betânia Paes Norgren

2ª. Secretária

Dilaina Paula dos Santos

1ª. Tesoureira

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa

2º. Tesoureiro

Ronald Horst Sperling

Representantes da AATESP na UBAAT

Cristina Dias Alessandrini

Sandro Leite

Conselho fiscal

Claudia Regina Teixeira Colagrande

Mailde Jerônimo Tripoli

Maria Carolina Monteiro Machado de Souza Brando

Patricia Pinna Bernardo

SUMÁRIO

Editorial

UM SONHO QUE SE REALIZA	01
Deolinda Maria da Costa Florim Fabiatti	
Maíra Bonafé Sei	
Margaret Rose Bateman Pela	

Artigos Originais

FONOAUDIOLOGIA E ARTETERAPIA: POSSÍVEIS INTERFACES	03
SPEECH THERAPY AND ART THERAPY: POSSIBLE INTERFACES	
Ana Lydia Lima Nogueira	
Maíra Bonafé Sei	

A MÁSCARA E A PERSONA NO PROCESSO ARTETERAPÊUTICO	23
THE MASK AND THE PERSONA IN CASE ART THERAPY	
Valeria Valerio Batista	

ARTETERAPIA E O RELACIONAMENTO ENTRE NETOS-ADOLESCENTES E AVÓS-IDOSOS EM OFICINAS ARTÍSTICAS TERAPÊUTICAS	35
ART THERAPY AND THE RELATIONSHIP BETWEEN GRANDPARENTS AND GRANDCHILDREN-TEENAGERS IN THERAPEUTIC ART WORKSHOPS	
Ronald Horst Sperling	

A EXPRESSÃO ESCONDE UMA ESTÓRIA. A PALAVRA DESVENDA-A	52
THE EXPRESSION CONCEALS A STORY. THE WORD ELICITS	
Luzia Sampaio de Athayde	

ARTETERAPIA E A MULHER: RESGATE DO POTENCIAL CRIATIVO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXUAL	74
ART THERAPY AND THE WOMAN: REGAINING THE CREATIVE POTENTIAL IN WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC AND SEXUAL VIOLENCE	
Melina Del' Arco de Oliveira	

Resumos

A ARTE COMO ELEMENTO DE CONTATO NOS PROCEDIMENTOS PALIATIVOS APLICADOS NA PSICO-ONCOPEDIATRIA	95
Josefa da Cunha Carvalho Garcia	

A ARTE COMO RECURSO DE REORGANIZAÇÃO NA MELHORIA DA AUTO-ESTIMA	97
Meire Alencar Malvezi Oliveira	

ARTETERAPIA: AS DEUSAS GREGAS E O "FAZER ARTE" NUM PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO	99
Oneide Regina Depret	

Normas para Publicação	101
-------------------------------	------------

Editorial

UM SONHO QUE SE REALIZA

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti¹

Maíra Bonafé Sei²

Margaret Rose Bateman Pela³

Setembro, 2010 e a primavera se anuncia. Com ela tantas esperanças de uma florescência a colorir nossas vidas. Assim acontece hoje com nossa revista. Desde a fundação de nossa associação a “Revista Eletrônica” consta de nossos objetivos. Muitos itens anteriores a ela tiveram prioridade, tantos caminhos percorridos para que a associação se constituísse e tomasse corpo. Vários encontros e Fóruns deram à AATESP um caráter científico acadêmico digno de respeito. Os profissionais começaram a comparecer cada vez em maior número e a participação nos eventos foi se destacando pela seriedade, profundidade e fundamentação. Há uma onda energética vibracional mobilizando e se expandindo por entre os associados.

Neste ano foi, então, possível dar corpo àquilo que se apresentava como apenas um sonho. A experiência advinda da organização dos Anais dos Fóruns Paulistas de Arteterapia realizados entre 2007 e 2009 contribuiu para a formulação da Revista de Arteterapia da AATESP, além de ter propiciado um movimento em prol da escrita entre nossos colegas arteterapeutas. Um grupo de arteterapeutas interessados reuniu-se para delinear os moldes das contribuições, o formato de nosso periódico e, então, realizar a primeira chamada de contribuições. Foi com alegria que percebemos que após realizar a divulgação e convite para a apresentação de artigos, tivemos a grata surpresa de recebermos um número bastante expressivo para esse nosso primeiro número.

Ao ler o sumário, o leitor poderá perceber a diversidade de temas e profissões que atuam junto com a Arteterapia. Esta abrangência corrobora a ideia de como a Arteterapia é bem aceita e complementar nas diferentes áreas da saúde, educação e empresas. A revista se inicia com um artigo que descreve uma intervenção onde a Arteterapia foi

¹ Educadora, Arteterapeuta (AATESP 008/1203), Mestre em Gerontologia Social, PUCSP, Rua Dr. Alberto Seabra, 364, Alto de Pinheiros, SP, CEP 05452-000. Telefone: (11) 83262005. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1118829470372302>. Email: deolinda.fabietti@terra.com.br

² Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Rua Barbosa da Cunha, 835, Campinas-SP, CEP 13073-320. Telefone: (19) 32413433. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

³ Graduada em Letras, Machenzie, SP; Psicopedagogia, Sedes Sapientiae, SP; Arteterapia (AATESP 136/0310) Rua Cintra Gordinho, 18. Cj. Alto da Lapa, SP, CEP 05083-000. Telefone: 38366363. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540829055121326>. Email: margaret@pela.com.br

inserida como uma ferramenta auxiliar para a expressão do paciente que veio para um atendimento fonoaudiológico. A seguir, a partir do referencial teórico junguiano, o segundo artigo aborda o uso da máscara no processo arteterapêutico. Na sequência, temos o relacionamento entre avós e seus netos mediado pela Arteterapia, e a descrição de uma intervenção arteterapêutica com foco nos aspectos simbólicos que permearam a expressão da pessoa atendida. A sessão de artigos é finalizada com reflexões sobre a Arteterapia empreendida junto a mulheres que sofreram violência doméstica e familiar. Por fim, estão publicados resumos de monografias apresentadas junto a cursos de especialização em Arteterapia, divulgando o conhecimento produzido no contexto da formação do arteterapeuta.

Gostaríamos de agradecer todos os autores que enviaram suas contribuições e permitiram que o que era apenas um sonho, um projeto antigo, se transformasse em realização, em algo concreto, que pode ser dividido com os demais colegas, colaborando para o crescimento da Arteterapia em nosso país. Agradecemos os pareceristas quanto ao trabalho prestado e às contribuições dadas a partir das leituras dos textos. Ao leitor, podemos dizer que acreditamos que a Revista de Arteterapia da AATESP se configurará como um novo meio para veiculação de informações gerais, práticas, pesquisas, inovações em Arteterapia, contribuindo para a solidificação deste campo de trabalho com seriedade, cuidado e consistência. Boa leitura!

Artigo Original

FONOAUDIOLOGIA E ARTETERAPIA: POSSÍVEIS INTERFACES

SPEECH THERAPY AND ART THERAPY: POSSIBLE INTERFACES

Ana Lydia Lima Nogueira⁴

Maíra Bonafé Sei⁵

Resumo

Este artigo apresenta um estudo a respeito de possíveis relações entre a Arteterapia e a Fonoaudiologia. Fez-se um Relato de Experiência a partir de um atendimento arteterapêutico em consultório particular com um cliente portador de leves sequelas de meningite, encaminhado para terapia fonoaudiológica. Observou-se que precisava ter sua expressividade acolhida, além de ser estimulado a implementar novas atividades em sua vida, fatos que contribuíram para a escolha da parceria entre Arteterapia e Fonoaudiologia. O relato é composto pela descrição das propostas arteterapêuticas e das dinâmicas apresentadas pelo cliente, com considerações advindas do processo vivenciado. Por meio da prática desenvolvida, percebeu-se quais as contribuições que a perspectiva da Arteterapia pôde trazer à intervenção da Fonoaudiologia Clínica, com reflexões sobre interfaces entre estes dois enfoques terapêuticos.

Palavras-chave: Arteterapia; Fonoaudiologia; Comunicação

Abstract

This article presents a study about possible relationships between art therapy and speech therapy. It was reported an experience from an art therapy attendance in private practice

⁴ Fonoaudióloga e especialista em Arteterapia. Rua Alberto Jackson Byington, 166, Campinas-SP, CEP 13070-163. Telefone (19) 32134716. E-mail: ananogueira7@gmail.com

⁵ Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Rua Barbosa da Cunha, 835, Campinas-SP, CEP 13073-320. Telefone: (19) 32413433. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

with a client carrying light consequences of meningitis, referred for speech therapy. It was observed that he should have his expressiveness receptioned and be encouraged to implement new activities in his life, facts that contributed to the choice of partnership between Art Therapy and Speech Therapy. The report is composed by the description of the art therapeutic activities proposed and the dynamics presented by the client, with considerations resulting from the process experienced. Through the practice developed, it became apparent what contributions the perspective of art therapy intervention could bring to the Speech Therapy Clinic, with reflections about the interfaces between these two therapeutic approaches.

Keywords: Art Therapy; Speech Therapy; Communication

FONOAUDIOLOGIA E ARTETERAPIA: POSSÍVEIS INTERFACES

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre as contribuições que a Arteterapia pode trazer à Fonoaudiologia e investigar algumas das possíveis interfaces entre estas duas áreas terapêuticas, que lidam com a comunicação e a expressividade humana de maneira diferenciada. Para tanto, são apresentadas considerações teóricas sobre ambos os campos do saber, seguidas de descrição de um caso onde, a partir de um encaminhamento para o atendimento em Fonoaudiologia, optou-se por também inserir intervenções em Arteterapia, de forma a contemplar as questões emocionais apresentadas pela pessoa em questão. Tem-se um relato de experiência, pautado no referencial da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e da Saúde (TURATO, 2005).

A fonoaudiologia: conceituação e contextualização

Como responsáveis pelo ofício de fazer falar, ao nos ocuparmos dos sintomas manifestos na linguagem, nós, fonoaudiólogos, estamos situados numa clínica cuja complexidade do objeto de intervenção permite que essa prática esteja exuberantemente aberta à impregnação de outros fazeres. Essa peculiaridade nos convoca, cotidianamente, a re-significar nossos

contornos tendo em vista a circunscrição desse campo (TASSINARI, 2000, p. 75).

A Fonoaudiologia é a ciência que se dedica ao estudo dos sons da linguagem e da audição, com a regulamentação desta profissão tendo ocorrido em dezembro de 1981. Ao Fonoaudiólogo cabe a atuação em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas, na área da comunicação oral e escrita, voz, audição e sistemas auxiliares de comunicação, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz, em indivíduos de todas as faixas etárias. Seu campo de trabalho é diversificado, composto de várias frentes de trabalho: clínica; saúde; educação; saúde ocupacional; centros auditivos; comunicação, artes e telemarketing; entidades de assistência a deficientes; clínicas geriátricas, asilos ou com atendimento a idosos em domicílio.

Apesar de a Fonoaudiologia ser “um espaço teórico particular, um campo de questões, uma forma de saber específica” (PALLADINO, 2002, p. 51), utiliza também conhecimentos de várias áreas científicas, estando mais intimamente relacionada com a Linguística, a Física Acústica, a Medicina e a Psicologia. Para Palladino (2002), existe uma tradição na Fonoaudiologia, que toma a ‘comunicação’ como um objeto de estudo composto de múltiplas ordens (somática, social, emocional) e, assim, a considera como uma ciência de natureza interdisciplinar, que gera uma demanda por múltiplos olhares.

Segundo Severino (2002), a Fonoaudiologia está inserida no campo epistêmico das ciências humanas e o seu foco principal seria “a linguagem vinculada, comprometida com o homem que está falando”, ou seja, “com o sujeito que fala, ouve e escreve para se comunicar” (SEVERINO, 2002, p. 28). Caracteriza-se com uma área multidisciplinar e interdisciplinar “dialogando e interagindo com as ciências biológicas, com as ciências da vida, com as ciências da linguagem, com as ciências da comunicação de modo geral.” (SEVERINO, 2002, p. 28).

Na experiência fonoaudiológica, este profissional vivencia, com frequência, a amplitude do seu campo de atuação, a interdisciplinaridade, o diálogo e interação com as outras ciências. Aos poucos, ele opta por alguma área de atuação e faz suas escolhas relativas à base teórica, à metodologia e às técnicas que utilizará em seu trabalho, ressaltando-se ser impossível uma separação entre formação profissional e experiências de vida a partir das quais se têm um desenvolvimento da

sensibilidade para apreensão do fenômeno humano de um modo geral, e em particular para as manifestações 'patológicas' e de sofrimento existencial. A este primeiro aspecto deve-se articular naturalmente o conhecimento de um referencial teórico-técnico que subsidie a compreensão dos fenômenos e que permita uma eficiência no nível das intervenções (PASSOS, 2002, p. 63).

No decorrer de sua prática clínico-terapêutica, o fonoaudiólogo desenvolve um modo de 'olhar' para o seu cliente. Em princípio, dirige seu olhar para a comunicação verbal dos clientes, observando e analisando os seus aspectos formais, estéticos e estruturais. É com este olhar inicial que, muitas vezes, se aproxima do cliente e estabelece um contato, comunicação e diálogo.

Diante da queixa do cliente e da constatação de algum sintoma linguístico, tem-se a tarefa de auxiliar no aprimoramento da comunicação verbal, transformando-a, na medida do possível, em um 'falar' claro e bem articulado, com boa organização do pensamento e capacidade comunicativa eficiente. Entretanto, frequentemente, se depara com situações que podem gerar o questionamento acerca da sua maneira de olhar e atuar. Pode, então, desenvolver a atitude do "fonoaudiólogo de 'duas orelhas', que ouve a palavra com uma e escuta seus sentidos com a outra." (CUNHA, 2000, p. 97). Com a abertura para esta 'escuta dos sentidos', poderão emergir conteúdos internos do cliente, que antes estavam num segundo plano.

Na prática fonoaudiológica, observa-se alguns clientes fazerem conexões com processos psicológicos ou relembrem de situações traumáticas do passado, com

contribuição dos sentidos emocionais para o desenrolar do processo “quer predomine o desejo de melhorar, ou o medo de se transformar em uma pessoa diferente, ou qualquer outra fantasia cujos sentimentos sirvam para acelerar ou retardar o processo” (SILVA, 2002, p. 15). Neste sentido,

o sintoma, mesmo que primariamente de etiologia orgânica, sempre carregará as marcas subjetivas do sujeito, estando, muitas vezes, os conflitos psíquicos ancorados nessa disfunção plausível para o quadro patológico, ou seja, podendo-se pensar aqui numa sobreposição de sintomas. Mesmo as alterações orgânicas, das quais decorrem muitos sintomas na linguagem, sempre serão representadas e qualificadas a partir da relação com o outro (TASSINARI, 2000, p. 86-7).

A despeito da percepção da necessidade de acolhimento dos conteúdos psíquicos do cliente, a formação nem sempre permite uma atuação diferenciada que abranja as matrizes emocionais produtoras dos sintomas lingüísticos. Para Passos (2002, p. 61), “o fonoaudiólogo não estaria autorizado a lidar com tais conflitos ou significações inconscientes, uma vez que sua formação não lhe oferece subsídios para isso”. A inserção, então, de outros conhecimentos no campo da Fonoaudiologia acontece a partir de uma demanda dos profissionais da área, por perceberem que vários dos sintomas apresentados pelos clientes, via de regra, contém, em seu subtexto, conteúdos emocionais com os quais o fonoaudiólogo, por vezes, não consegue lidar.

A Arteterapia: breve panorama

O importante é que cada um possa reencontrar o seu próprio canal expressivo: desenhar com as palavras, com a música, com as cores, com o gesto e também se aventurar em outras linguagens, recriando seu espaço único, se afirmando como ser humano. (MOREIRA, 2002, p. 96).

A Arteterapia é um campo de atuação onde são utilizados recursos artísticos como base para a comunicação entre o profissional e o seu cliente, em diversos contextos terapêuticos. Pode ser conceituada como

estratégia de intervenção terapêutica que visa promover qualidade de vida ao ser humano por meio da utilização dos recursos artísticos advindos principalmente das Artes Visuais, mas com abertura para um diálogo com outras linguagens artísticas. Foca-se o indivíduo em sua necessidade expressiva e busca-se ofertar um ambiente propício ao surgimento de uma expressividade espontânea e portadora de sentido para a vida. (SEI, 2009, p.6)

É uma prática que se baseia na criação estética e na elaboração artística realizada em prol da saúde humana. Estão presentes a cada encontro um triângulo composto por paciente – arteterapeuta – expressão/criação. Entretanto, a ênfase dada à ligação entre cada ponta do triângulo diferencia-se conforme a abordagem do profissional, sua formação, a população com quem trabalha e os objetivos desta (CARVALHO, 2006).

A formação do arteterapeuta é composta de treinamento em arte, psicologia e terapia, além de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano; as teorias psicológicas; a história da Arte e da Arteterapia; as relações entre os processos criativos e terapêuticos dos diferentes materiais e técnicas; os fundamentos teóricos e metodológicos da abordagem; a vivência pessoal e a prática clínica supervisionada (CIORNAI, 2004). Atualmente, por meio das associações de Arteterapia, foram estabelecidos critérios para a formação deste profissional, com cuidados para uma qualificação mínima, tendo em vista a natureza do trabalho efetuado (CIORNAI e DINIZ, 2008; SEI, 2010).

Quanto ao contexto arteterapêutico, o cliente torna-se, a um só tempo, autor e observador de sua própria produção artística, além de poder ser chamado a observar a si mesmo, enquanto se expressa. O arteterapeuta é aquele que, junto ao cliente, o observa e o acolhe em sua expressividade artística. Cria uma espécie de ‘continente’, de “acompanhante privilegiado de um processo de transformação que ganha consistência a partir da criação plástica” (PHILIPPINI, 2004, p. 19), apto para receber os conteúdos

psíquicos que possam emergir durante (ou logo após) a atividade artística e acompanhando o indivíduo em seu processo.

Quanto às interlocuções entre Arteterapia e Fonoaudiologia, tem-se a pesquisa de Venâncio (2009) que estudou a utilização da Arteterapia no *setting* fonoaudiológico, com público idoso. Por meio de sua investigação, pôde perceber que a articulação entre ambas potencializou a atuação nos campos da linguagem e da comunicação dos participantes da intervenção realizada. Assim, compreende-se que é também pertinente a apresentação dos caminhos trilhados por meio da intervenção aqui descrita, ampliando as descrições e reflexões acerca da integração entre Arteterapia e Fonoaudiologia.

O ateliê arteterapêutico: uma experiência

A partir das considerações teóricas iniciais, dos apontamentos sobre a importância dos conteúdos de ordem emocional no campo da Fonoaudiologia e do potencial da Arteterapia para trabalhá-los por meio de linguagens que não seja a verbal, passa-se a relatar uma experiência como forma de ilustrar os campos de atuação descritos inicialmente. Giordano⁶, na faixa dos 40 anos de idade, foi encaminhado para terapia fonoaudiológica, mas percebeu-se que suas necessidades transcendiam o campo da Fonoaudiologia. Existiam questões fonoaudiológicas a serem trabalhadas, porém pareciam estar, naquele momento de sua vida, em segundo plano. Havia algo mais importante a ser abordado, que implicou no desenvolvimento de um novo olhar e nova conduta terapêutica, por meio da aplicação dos recursos da Arteterapia. Assim,

as demandas que chegam hoje à clínica não são as mesmas que chegavam há dez anos. Elas vêm se transformando e trazem no seu bojo um pedido de ajuda não apenas voltado à eliminação de sintomas, mas à compreensão de uma gama variada de conflitos, diante dos quais o sintoma se apresenta muitas vezes como mero pára-raios. (PASSOS, 2002, p. 54)

⁶ Nome fictício.

No primeiro encontro, chegou acompanhado de sua irmã e de sua mãe. Durante a anamnese, preferiu que a irmã respondesse às perguntas. Apresentava leves sequelas decorrentes de uma meningite, recebia acompanhamento neurológico e psiquiátrico, e fora encaminhado para terapia fonoaudiológica com o objetivo de melhorar a sua comunicação oral e memória. Buscava, também, estímulos para realizar novas atividades e ter mais autonomia em sua vida pessoal e profissional, já que se encontrava em uma situação de afastamento do trabalho e de dependência parcial da família.

Percebeu-se que Giordano apresentava uma postura corporal um pouco rígida e tensa, com um andar levemente desequilibrado e hesitante. Falava pouco e apresentava uma disartria leve, além de leve déficit em memória e evocação de nomes. Parecia estar com dificuldades para falar a respeito de si mesmo e de sua situação, com respostas evasivas ou com pedidos para irmã ou mãe falarem por ele.

Optou-se por realizar, então, um Ateliê Arteterapêutico individual. Este teve a duração de 20 sessões, com frequência semanal, durante cinco meses. Cada encontro era composto de dois momentos: a intervenção fonoaudiológica seguida de atividades arteterapêuticas.

Serão descritos recortes de seis sessões arteterapêuticas, que exemplificam situações ocorridas ao longo do período, com relatos dos seguintes elementos: Propostas e procedimentos realizados nas sessões; Dinâmicas apresentadas pelo cliente; Reflexões a partir da experiência, com observação de novas possibilidades de comunicação e interação com o cliente, provenientes da intervenção arteterapêutica; Análise de inter-relações entre Arteterapia e Fonoaudiologia.

No início de cada sessão arteterapêutica foram realizados exercícios de respiração, relaxamento e conscientização corporal, trabalhando com rigidez e tensão corporais e proporcionando estímulo para a consciência da presença no “aqui e agora”. Sanmartin (2004, p. 67) explica que

as sessões de relaxamento devem promover, inicialmente, momentos de intimidade de cada aluno consigo próprio, despertando-o a perceber seu próprio corpo, a concentrar-se e escutar as mensagens de seu interior para, conseqüentemente, desenvolver a visualização, imaginação e criatividade. A primeira etapa a ser conseguida é a concentração, criando um clima e ambiente propício a esta introspecção. Depois, focar a respiração, percepção de cada parte do corpo, relaxando pontos de tensão e dor.

Foram também propostos exercícios de visualização criativa, com elaboração de imagens mentais e/ou recordação de fatos ocorridos na vida, além de exercícios de associação livre.

Após isto, era realizada alguma produção plástica a partir dos seguintes materiais: papel sulfite (A4 e A3), papel Canson (A4 e A3), lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, tinta guache, pincéis, massa de modelar, tesoura, cola, revistas e uma caixa com recortes de revistas. A seleção destes materiais deveu-se ao fato de serem os de maior familiaridade e facilitarem o contato inicial do cliente com a expressão plástica.

Ao final de cada sessão, discutia-se aquilo que havida sido vivenciado por Giordano. Para Friedman, “o diálogo que se desenvolve no contexto terapêutico visa trazer ao paciente alguma informação nova sobre aquilo que ele está revelando.” (2002, p. 99). Em Arteterapia, este momento é central para se olhar as produções plásticas e refletir a respeito das imagens criadas, das sensações, lembranças, associações e sentimentos despertados em cada uma das experiências.

Sessão I

Propôs-se que Giordano realizasse a leitura oral da poesia “O Rio”, de Ruth Salles, seguida de representação plástica no papel. Hesitou um pouco para iniciar, pegou o menor lápis que havia na caixa e desenhou rapidamente, representando alguns elementos do conteúdo da poesia. Fez um comentário breve a respeito de sua dificuldade para desenhar e disse: *É um rio que está em desequilíbrio e que busca o nível do mar, a*

gravidade zero. Ele vem descendo pela montanha em busca de se encontrar com o mar. É como na vida: a pessoa não sabe o que vai encontrar; parece que tem que ir para algum lugar, para algum destino, mas não sabe o que é e nem para onde vai.

Em seguida, falou sobre a sua vida atual, sobre estar muito ocioso, sentindo-se *um 'Zé Mané', um inútil... Fiquei um tempo fora de mim e criou-se um hiato em minha vida. Tinha um trabalho de muita responsabilidade com a vida das pessoas e agora, não estou dando conta nem de mim mesmo!*

Contou também sobre seu ritmo de trabalho intenso, antes da meningite: *Tenho um tipo de ego que fez com que eu agisse daquela forma: trabalhar muito e não perceber que estava estressado, pois achava normal aquele ritmo.* Questionou se a sua doença ocorreu em função disto e de uma conseqüente queda na imunidade ou se isto lhe aconteceria de qualquer forma, se fazia parte do seu destino.

Diante destas palavras, solicitou-se que desenhasse e nomeasse três momentos de sua vida: os momentos antes e logo após a meningite e o momento atual. Ao momento anterior intitulou "Trabalho" e teceu os seguintes comentários: *Sou eu, atendendo um doente na maca. Eu, como médico, posso ajudá-lo de alguma forma.* O momento imediatamente após a meningite foi nomeado de "Uma pausa" e o momento atual recebeu os seguintes comentários: *O que será? É uma interrogação! Dia após dia, vamos caminhando.*

Almejou-se trazer, com a leitura da poesia, um estímulo introdutório ao trabalho arteterapêutico. Em Fonoaudiologia é comum utilizar poesias e textos, selecionados como recursos para o trabalho com os componentes da comunicação oral. Contudo a escolha ocorreu em função do tema, pensando-se na situação de vida do cliente e para um contato dele com esta, através da metáfora de 'um rio em seu curso'. A proposta de um tema específico é interessante no início da Arteterapia e, também, para as pessoas que

apresentem dificuldades para se expressar ou estabelecer uma comunicação inicial com o terapeuta (LIEBMANN, 2000), como no caso de Giordano.

Nesta sessão, ocorreu uma ampliação da comunicação verbal do cliente, que, espontaneamente, compartilhou conteúdos internos com o terapeuta. Esta partilha foi estimulada, inicialmente, pelo tema da poesia e, posteriormente, pela observação de sua produção plástica, relacionada, por ele mesmo, com sua situação, ritmo de vida atual e seus sentimentos relativos a isto.

Sessão II

Foi realizado um trabalho de respiração associado à conscientização corporal, para ampliação da percepção de si, das sensações corporais e sentimentos presentes naquele momento específico. Após isto, Giordano fez um desenho com lápis de cor e grafite. Ao terminar, mostrou-se surpreendido e emocionado, e falou: *Isto representa o meu apelido de infância; quase ninguém sabia o meu nome, só me chamavam por este apelido, que surgiu porque eu nadava rápido e de uma forma que só apareciam as minhas costas. Diziam: Olhem, lá vai ele!* Fez, também, comentários sobre sua infância e seu jeito de ser naquela época.

Entende-se que o contato com sua presença no “aqui e agora”, possibilitou uma conexão com sua infância e com os sentimentos relacionados àquela época. Segundo Philippini, “abordagens terapêuticas diversas preconizam em suas práticas: respiração adequada, consciência e relaxamento corporal, meditação, imaginação ativa, etc., para auxiliarem na saída de estados ordinários de consciência e facilitarem o mergulho em níveis psíquicos mais profundos.” (2004, p. 71). Ao observar a sua produção plástica e se deparar com uma imagem-símbolo que representava o seu apelido, abriu um espaço para refletir a respeito de características de sua personalidade, presentes desde a infância. Assim,

em Arte Terapia, dar forma corresponde a organizar para compreender e transformar. Através da materialização de símbolos presentes na produção expressiva, cumpre-se a função transcendente, ou seja: a comunicação simbólica cria condições de estruturar, informar e transcender e o que antes era inconsciente passa a integrar a consciência. (PHILIPPINI, 2004, p. 51).

Em Fonoaudiologia, utiliza-se frequentemente técnicas de relaxamento corporal e respiração, com o objetivo de possibilitar adequação da musculatura e do padrão respiratório, básico para a fala. É um enfoque diferente do utilizado nesta proposta, contudo pode haver uma associação das duas abordagens, dependendo da necessidade apresentada pelo cliente.

De acordo com Cunha (2000, p. 93-4), existe

uma distinção entre as instâncias clínica e clínico-terapêutica no campo fonoaudiológico. A primeira resulta da adoção do método clínico que, como já foi dito, constitui-se numa forma de agir que articula teoria(s) e técnica(s). A segunda pressupõe a adição de um terceiro elemento: o 'setting', um conjunto de parâmetros têmporo-espaciais no qual se construirá a relação terapêutica.

Durante uma sessão fonoaudiológica, é bem comum ocorrerem situações onde se apresentam, de forma espontânea, alguns conteúdos emocionais do cliente. Nestes momentos, acredita-se que o *setting* arteterapêutico pode se fazer presente, "como local de criação, de resgatar e expandir potencialidades adormecidas, de desvelar sentimentos, de compreender conteúdos inconscientes." (PHILIPPINI, 2004, p. 43).

Sessão III

Giordano chegou com uma aparência mais jovial, parecendo bem animado, alegre e mais falante. Após um relaxamento inicial, desenhou com lápis de cor e giz de cera e ao observar a imagem produzida, fez o seguinte comentário: *É apenas um homem de chapéu em uma fazenda, olhando a grama e a terra.* Representou uma viagem que fez,

no final de semana, para a cidade onde morava o irmão, que o estava visitando. Estava 'fazendo sala' para ele e levando-o para conhecer lugares interessantes, parecendo satisfeito com isto. Relatou algumas coisas a respeito de sua família, de como era o seu pai e como faleceu. Falou, também, que tinha recebido a visita do filho e que ainda se sentia machucado com o fato de estar morando longe dele, pois havia se separado da esposa. A expressão plástica representou, então, uma situação vivenciada recentemente e conectou-a com conteúdos de sua história, referentes ao passado (o pai) e ao momento atual (o filho).

Em terapia fonoaudiológica, comumente são utilizadas imagens visuais, tais como gravuras, recortes de revistas e fotos de família, com o objetivo de proporcionar um estímulo para a comunicação verbal e para o trabalho com o aperfeiçoamento da fala e da memória. A partir desta experiência, considera-se que a Arteterapia associada à Fonoaudiologia, pode fornecer recursos para a comunicação verbal acontecer de forma mais significativa, com apoio de imagens visuais produzidas pelo próprio cliente e ligadas à realidade vivenciada por este. Esta opção não desvaloriza as demais formas de apoio visual utilizadas nas terapias fonoaudiológicas, constituindo-se como uma possibilidade a mais, pertinente nos casos em que haja componentes emocionais relacionados ao distúrbio de comunicação verbal.

Sessão IV

Nesta sessão, após os exercícios de respiração, relaxamento e visualização criativa, Giordano referiu-se à lembrança de dois acontecimentos do passado. O primeiro foi um momento, logo após a meningite, em que estava sozinho no seu apartamento, separado da família. Não conseguia se lembrar muito bem daquela época, pois havia ficado um hiato em sua memória. O segundo momento, anterior à meningite, quando trabalhava em ritmo muito intenso.

Em seguida, fez um trabalho de colagem com recortes de revista e assinalou que era bem mais fácil do que desenhar. Colou imagens e associou-as com as seguintes palavras: “*Natureza*” (girassol, plantação e rua arborizada); “*Vida*” (um homem com o coração em destaque e um estetoscópio); “*Tempo*” (um relógio e uma senhora idosa em cadeira-de-rodas) e “*Lazer e Juventude*” (pessoas brincando no mar e um copo com cerveja). Após contemplar a produção plástica, referiu-se à sua situação de vida, dizendo que se sentia velho, sem haver mais nada que pudesse fazer, como se a vida tivesse acabado para ele.

Esta dinâmica foi significativa para Giordano, pois foi um dos primeiros momentos em que ele falou de si demonstrando e reconhecendo seu sentimento de insatisfação. Percebeu-se a importância de respeitar o tempo individual necessário para que tomasse consciência de seus conteúdos emocionais. Tal como assinala Reyes (2005, p. 137),

A linguagem da arte é ilimitada. É a linguagem das formas que comunicam. A arte não é descritiva ou descritível, é expressiva. Ela expressa a perplexidade do ser humano diante da vida e do mundo, podendo manifestar a experiência universal da consciência humana.

Sessão V

Neste encontro, Giordano fez dois desenhos, um com grafite e o outro com lápis-de-cor, representando a praia, o mar, o rio e um barco, após os quais foi solicitada uma associação livre, escrevendo palavras que viessem à sua mente e formando frases com elas. Escreveu: 1. *Viajar com filhos dá trabalho, mas se estivermos preparados, é muito bom!* 2. *O mar, o dia, o céu, a luz... dá aquela sensação de vida.* 3. *Um engenheiro fazendo a sua casa na terra.* 4. *São Paulo não pára, nem à noite.* 5. *É preciso haver alguém que dirija o barco.*

Temas e imagens que já haviam aparecido anteriormente retornaram nestas produções. O exercício de associação livre e escrita objetivou estimular uma possível organização dos conteúdos apresentados por Giordano, através da linguagem escrita.

Pelas frases produzidas, notou-se uma espécie de 'resumo' dos assuntos abordados por ele, em várias das sessões arteterapêuticas: a importância que ele dá à família e ao filho; a sua ligação com a natureza; a necessidade de ter uma casa 'firme e confortável'; o seu ritmo intenso de trabalho; a presença de si mesmo, dirigindo o 'barco' de sua vida. Através desta associação da linguagem plástica com linguagem escrita, observou-se que as relações entre Arteterapia e Fonoaudiologia podem ser ampliadas, em benefício dos clientes.

Sessão VI

Após um relaxamento corporal, foi proposta a realização de um exercício de respiração, associado à percepção dos sons ambientais e de suas sensações corpóreas (temperatura, respiração, pulsação, tensões no corpo). Pediu-se, então, que procurasse, em sua memória, a lembrança de uma viagem realizada, visualizando cenas, pessoas, ambientes e percebendo sensações, sentimentos e pensamentos. Posteriormente, fez uma pintura com guache, representando o mar, a praia, uma barraca e o sol.

Lembrou-se de uma viagem que fez para a praia, na adolescência, com um grupo de amigos. Contou que eram muito unidos e tinham muita liberdade entre eles: *'a amizade continua a mesma e são pessoas com quem eu posso contar, se necessitar; mas agora, eles não têm mais a liberdade de antes, por causa das famílias e do trabalho'*. Em seguida, falou que estava cuidando do cunhado, em recuperação depois de uma cirurgia: *'Tenho muita prática em cuidar dos outros, mas não sei 'ser cuidado' por alguém. Ainda estou aprendendo isto'*.

Percebeu-se o seguinte caminho trilhado na sessão: 1. Percepção do próprio corpo, sensações e sentimentos; 2. Lembrança de uma vivência; 3. Produção plástica; 4. Observação da produção, concomitante à reflexão sobre sua experiência e relação disto com sua vida atual. Pode-se apontar para um trabalho autobiográfico de Giordano ao

longo do processo arteterapêutico, conhecendo-se mais, compreendendo aspectos essenciais para ele, olhando para si mesmo e para sua vida através de um novo ponto de vista.

Na prática fonoaudiológica, em vários casos, o profissional é solicitado a trabalhar com aspectos da memória de alguns clientes, principalmente quando as alterações na linguagem verbal são de origem neurológica (como, por exemplo, nas afasias e disartrias, decorrentes de encefalite ou acidente vascular cerebral). São situações semelhantes à de Giordano, onde o indivíduo sofre uma quebra em sua vida, com grandes modificações na rotina, com dependência dos familiares. É como se a pessoa com dificuldades de memória sentisse que ‘perdeu’ uma parte de sua identidade e, diante da dificuldade de se expressar verbalmente, se sentisse impossibilitada de se comunicar com o outro.

Observando o processo vivenciado por Giordano, acredita-se que a Arteterapia associada à terapia fonoaudiológica proporcionou outras formas expressão e uma reconexão com sua história de vida. Trabalhou-se com uma memória plena de significados individuais, ao recordar de si mesmo que ampliou o desejo de se comunicar, trazendo novos sentidos para sua vida.

Considerações Finais

Acreditamos ser fundamental as oportunidades de vivências expressivas onde o indivíduo pode se reconhecer e se expressar, e estas deveriam ser consideradas essenciais à sua saúde (PHILIPPINI, 2004, p. 75).

O objetivo do Ateliê Arteterapêutico foi criar um espaço de comunicação e acolhimento para a expressividade deste cliente, por meio de linguagens além da verbal. Almejava-se o contato com seus conteúdos psíquicos e, a partir disto, o estímulo para refletir a respeito de si e de seu momento de vida. Parte deste objetivo foi atingida, visto as dinâmicas significativas vivenciadas por ele.

Neste sentido, pode-se pontuar: a possibilidade de desenvolver um novo olhar para si mesmo, desencadeada pela observação e análise dos conteúdos apresentados em suas produções; a lembrança de si e o reconhecimento do seu valor pessoal e profissional, com retrospectiva biográfica do seu caminho de vida e suas características pessoais, na infância e na adolescência.

Notou-se uma auto-reflexão sobre a vida, acontecimentos e atitudes que poderiam tê-lo levado à situação de doença e 'quebra' em sua vida. Percebeu-se uma recorrência de temas e imagens, levando-o a questionar o significado destes conteúdos em sua vida.

Como inicialmente assinalado, buscou-se refletir sobre as contribuições que a Arteterapia pode trazer à Fonoaudiologia e investigar algumas de suas possíveis relações. Compreendeu-se que a principal interface entre elas é a Comunicação. Com a Fonoaudiologia, visa-se especialmente o aprimoramento da comunicação verbal (oral ou escrita), e com a Arteterapia, acolhe-se o ser humano em sua expressividade artística, através de várias formas de comunicação e linguagens expressivas. Esta experiência apontou para algumas contribuições da Arteterapia no contexto fonoaudiológico e foram concebidas novas possibilidades a serem desenvolvidas na prática clínico-terapêutica, reafirmando a importância da continuidade e expansão de um trabalho como o descrito.

Observou-se, com esta intervenção, que foi possível criar um espaço para acolhimento dos conteúdos psíquicos do cliente, ampliando a comunicação e facilitando o vínculo com o terapeuta. A linguagem verbal espontânea foi mais bem trabalhada, com ampliação da comunicação cliente-terapeuta e abertura para compartilhar aspectos da história pessoal, lembranças, ideias e sentimentos que poderiam estar relacionados com sintomas lingüísticos apresentados. As produções e expressões artísticas foram um estímulo para o trabalho com aspectos da linguagem verbal, de forma mais significativa, por estarem ligadas à sua realidade.

Recursos fonoaudiológicos como poesias, contos, textos, técnicas de respiração e relaxamento foram usados para proporcionar autoconhecimento ao cliente e melhor compreensão dos elementos psíquicos envolvidos nos sintomas lingüísticos. A aplicação de atividades arteterapêuticas em psicodinâmica da voz, dos distúrbios da fala e da fluência, possibilitaram ampliação do contato do cliente com conteúdos psíquicos relacionados aos sintomas apresentados na comunicação oral.

De forma geral, adquiriu-se um novo olhar para o tempo processual de desenvolvimento de cada cliente, com a abertura para nova compreensão e respeito ao ritmo individual de desenvolvimento. Notou-se a importância da utilização de recursos da Arteterapia em situações onde a comunicação verbal não acontece de maneira tão efetiva, com necessidade de diferentes linguagens para comunicação com o cliente. Desta maneira, compreende-se que a partilha desta experiência com profissionais da Fonoaudiologia e demais profissionais da saúde é pertinente, como estratégia para divulgação de novas formas de intervenção e para a ampliação de investigações no campo da Arteterapia e suas interfaces.

Data de recebimento: 30 de Abril de 2010.
Data da primeira revisão: 31 de Agosto de 2010.
Data de aceite: 28 de Setembro de 2010.

Referências

CARVALHO, R. L. G. O polimosfismo da arte de sonhar ser. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 3, n. 3, p. 5-17, 2006.

CIORNAI, S. Apresentação. Em: CIORNAI, S. (org). **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 7-17.

CIORNAI, S. e DINIZ, L. Arteterapia en Brasil. **Arteterapia: Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, vol. 3, p. 13-16, 2008.

CUNHA, M. C. Desesquecimento: sobre a escolha do material clínico na pesquisa fonoaudiológica. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v. 12, n. 1, p. 91-99, dez/2000.

FRIEDMAN, S. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. Em: PASSOS, M.C. **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 2002. p 81-117.

LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PALLADINO, R. R. R. Encontros e desencontros da fonoaudiologia. Em: PASSOS, M. C. **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 2002. p. 45-52.

PASSOS, M. C. (org). **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arte Terapia: Cartografias da Coragem**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

REYES, S. Para além da fonoaudiologia: a cor e a emoção da linguagem. Em: CIORNAL, S. (org) **Percursos em Arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde**. São Paulo: Summus, 2005. p. 137-157.

SALLES, R. **Poesia para a Escola: Recriação de traduções. Primeiro Volume**. Apostila fornecida no Seminário de Pedagogia Waldorf (Campinas – SP).

SANMARTIN, S. M. **Arqueologia da criação artística. Vestígios de uma gênese: o trabalho artístico em seu movimento**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.

SEI, M. B. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização. Em: SEI, M. B. (org.) **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios**. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. p. 7-29.

SEVERINO, A. J. A Fonoaudiologia como ciência: perspectivas epistemológicas. Em: PASSOS, M.C. (org). **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 2002. p. 17-30.

SILVA, M. E. L. Prefácio. In: PASSOS, M. C. **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 2002. p. 11-15.

TASSINARI, M. I. Objetividade e subjetividade nos processos terapêuticos fonoaudiológicos. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v. 12, n. 1, p. 75-89, dez/2000.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

VENÂNCIO, C. P. L. **Fonoaudiologia e Arteterapia: resgate de interlocutores idosos com alterações de linguagem.** Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

Artigo Original

A MÁSCARA E A PERSONA NO PROCESSO ARTETERAPÊUTICO

THE MASK AND THE PERSONA IN CASE ART THERAPY

Valéria Valério Batista⁷

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo compreender melhor o uso da máscara como um recurso arteterapêutico, visando ao diálogo com os personagens internos para ampliar a percepção do indivíduo sobre si-mesmo, promovendo deste modo transformações. Este trabalho engloba os conceitos de Jung sobre a sombra e a persona e uso da máscara no atendimento arteterapêutico. As vivências com máscaras foram realizadas por duas participantes que apresentavam dificuldades de expressar suas emoções para os filhos, uma vez que na infância não se sentiram acolhidas pelas mães. Assim foi desenvolvido um projeto de doze encontros que visavam um resgate dos personagens internos levando a compreensão de emoções bloqueadas pela consciência. O projeto obedeceu à seguinte ordem: a confecção da máscara pela técnica de papietagem, a criação de um personagem através da caracterização da máscara, diálogo por escrito para contextualização da máscara, atividades corporais e dramatizações de mitos e fábulas para entrar em contato com as emoções e os personagens internos que a máscara traz. A máscara tem o poder de transformação, antes ela transformava o sacerdote em um deus, hoje ela transforma o indivíduo em Outro, permitindo que ele explore e conheça melhor as suas próprias emoções, o que facilita a conscientização da pessoa.

Palavras-chave: Máscara; Arteterapia; Persona.

⁷ Arte-educadora (FAMOSOP). Arteterapeuta (AATESP 149/0610). Rua Manoel Vidal, nº 21 – Vila Medeiros. CEP: 02218-180. São Paulo – SP. Telefones: (11) 2951-2063 e (11) 7146-0447. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4855486889827417>. E-mail: valeria.vb@ig.com.br.

Abstract

This research had the goal of better understanding the use of the mask as an art therapy research, aiming the dialogue with the internal characters to increase the perception of the individual about himself, promoting, in this way, transformation. This paper embodies the Jung's concepts about the shadow and the persona and the use of masks in art therapy treatment. The experiences with masks were carried out with two participants who showed difficulties in expressing their feelings towards their children, once in childhood they did not feel sheltered by their own mothers. Then, it was developed a project of twelve meetings that aimed to rescue internal characters, leading to the comprehension emotions blocked by the conscience. The project obeyed the following sequence: making masks through *papier collé* technic, the creation of a character through the characterization of the mask, a written dialogue for the contextualization of the mask, corporal activities and dramatizations of myths and fables to get in touch with emotions and internal characters brought by the mask. The mask has the power of transformation, if once it has transformed the priest into a god, today it transforms the individual into the Other, allowing the individual to explore and get to know better his own emotions, which makes easier self-awareness

Keywords: Mask; Art Therapy; Persona.

Introdução

A máscara é um objeto de transformação que encobre o rosto, a cabeça ou o corpo. Quando utilizada permite que seu usuário observe os outros, estando ele mesmo protegido de olhares (PAVIS, 2005).

A máscara foi utilizada na Antiguidade como objeto religioso para transformação do sacerdote em deus. Graças a sua função de transformação a máscara esteve presente

em todas as culturas, nos rituais e nas festas populares. Ela também caracteriza o início do teatro.

Analisando o uso da máscara, em diversas culturas e em quase todas as épocas, é fácil perceber a sua real importância para a humanidade, como sendo um símbolo de transformação e de descoberta do Outro e, por consequência, de si mesmo.

No teatro, o ator colocando a máscara assume outra identidade que difere dele próprio e, por vezes, distancia-o do momento vivido pelo personagem. De acordo com Stein (2006), Jung utilizou o termo *persona* no teatro romano, onde *persona* expressava a máscara do ator, para designar no aspecto psicológico, a parte da psique que consiste em esconder ou revelar os pensamentos e os sentimentos conscientes de uma pessoa para as outras. É uma forma de se apresentar aos demais, alterando o real para se ajustar melhor, uma vez que todos estão preocupados com a opinião alheia.

Assim como no teatro, a máscara (a *persona*) serve para apresentar uma faceta da pessoa apropriada a determinada situação, enquanto seu verdadeiro Eu se mantém anônimo, protegido ou oculto, dando à pessoa a impressão de uma falsa proteção e aprovação. A *persona* representa um personagem criado a partir das regras e dos costumes de cada grupo social.

Grinberg (2003) relata que o sujeito ao se submeter a uma determinada máscara aceita representar sua subjetividade, em detrimento de si próprio em outras possibilidades. Esta *persona* acaba com o tempo por se confundir com o próprio indivíduo, restringindo toda sua totalidade à apenas sua identificação de um modelo de adaptação. De toda maneira, ainda que nosso ego se identifique com a *persona*, o inconsciente, o Self ou a personalidade autêntica, está presente sempre e se faz sentir.

Para Bernardo (2008) a função da *persona* não é somente ocultar o que nos é impróprio para o convívio social, mas também “regular nossos instintos, facilitando a integração de nossos aspectos do Self na consciência” (p. 51). Se olharmos para nossa

sombra⁸, podemos transformá-la em nossa aliada, incorporando outra parte de nós mesmos, pois não somos um, mas vários e, sabendo disso, podemos utilizar em cada situação a melhor parte que temos, assim a persona integrada com a sombra, gera mudanças, incorpora em si uma face mais flexível de nós mesmos que até então não tínhamos condições de assumir e aceitar em nossas vidas.

Segundo Urrutigaray (2008), Jung percebe a arte como portadora de conteúdos simbólicos, advindos do inconsciente, que podem ser submetidos à investigação psicológica para captar o sentido dado àquela obra. Desta forma, as produções realizadas no atendimento arteterapêutico vão mostrar a maneira que cada um se manifesta no mundo, permitindo a pessoa ver, em cada uma das suas produções, facetas do seu próprio mundo interior e assim ampliar cada vez mais sua maneira de se ver, pois a atividade artística promove uma melhor organização e percepção dos conteúdos e dos pensamentos, levando à compreensão de Si-mesmo.

O processo arteterapêutico é um convite ao autoconhecimento, ou seja, um olhar para dentro de si mesmo, enfrentando a sombra e os personagens que compõe sua psique.

Quando olhamos para o lado de dentro de nossas máscaras, o que encontramos é justamente aquilo que elas escondem (em geral o oposto do que mostram), pois como coloca a filosofia chinesa do Tao: “toda face tem um dorso, e quanto maior a face, maior o dorso”, sendo que face e dorso são inseparáveis (BERNARDO, 2008, p. 54-55).

Neste processo de autoconhecimento, para que melhor se possa reconhecer e integrar os personagens internos ou o seu lado oculto, a confecção de máscara e sua utilização para a composição de personagens é uma maneira de dialogar com os outros que nos compõem. Desta forma, a linguagem das produções artísticas é simbólica, expressando conteúdos internos e trazendo à luz de nossa consciência fragmentos daquilo que estava invisível aos nossos olhos, através da integração das imagens criadas.

⁸ A sombra é um fator psíquico inconsciente, pois projetamos na sombra tudo o que não reconhecemos ou não aceitamos em nós mesmos, portanto são conteúdos que estão privados da luz da consciência.

De acordo com Valladares (2001) a máscara possui um forte aspecto simbólico que estimula a fantasia e a imaginação, sobretudo pelo seu caráter lúdico. Além disso, a máscara tem como função terapêutica o aspecto desmascarante, ou seja, “quando alguém coloca uma máscara e imediatamente surge um desmascaramento de outros aspectos do sujeito” (BUCHBINDER apud VALLADARES, 2001, p. 07). Sendo assim, a máscara traz para consciência símbolos inconscientes até então.

A máscara, assim como a persona descrita por Jung, é um elemento de transformação, de metamorfose. Ela oculta e revela, assim sendo, torna-se evidente a importância e a necessidade desse trabalho, que pesquisa a contribuição da máscara para o indivíduo, analisando, deste modo, suas diversas abordagens na Arteterapia.

O objetivo deste trabalho é analisar as formas pelas quais a máscara pode auxiliar no processo de individuação da pessoa. A máscara alcança dimensões inesperadas, portanto sua utilização é fundamental para estimular o autoconhecimento e a participação da pessoa.

Metodologia

Nesta pesquisa, a máscara foi inserida para exteriorizar sentimentos e conteúdos ocultos, trazendo personagens internos para dialogar.

O objetivo foi verificar a importância do uso da máscara para compreender melhor os benefícios que esta pode proporcionar à pessoa, de maneira que o indivíduo possa expressar temas internos.

Este estudo foi desenvolvido com um grupo de duas mulheres entre 50 e 60 anos. O grupo permaneceu em atendimento arteterapêutico por vinte encontros, sendo que, nas demais atividades propostas anteriormente a da máscara (que foi a finalização do processo), elas apresentaram como conflitos a convivência com os filhos e os maridos, preocupações com estes familiares e dificuldades de relacionamento mais afetivo com os

filhos, uma vez que na infância também não se sentiram aprovadas e acolhidas. Deste modo, o trabalho com a máscara se compôs de doze encontros, sendo um por semana com duas horas de duração. Os encontros foram realizados no salão de uma igreja católica num bairro da Zona Norte de São Paulo – SP.

Neste processo além da confecção da máscara (que criou um vínculo entre o indivíduo e o objeto), foram trabalhadas atividades e encenações utilizando a máscara para assim melhor reconhecer os personagens internos e estabelecer diálogos com os conteúdos que estes personagens apresentaram. Assim, após a confecção da máscara, cada participante deveria caracterizá-la de acordo com um personagem interno. O importante aqui era dar um nome para este personagem e trabalhar na pintura os elementos que este lhe trazia, exteriorizando conteúdos.

Como estas mulheres eram, até então, relutantes ao contato físico e pouco abertas a determinadas atividades corporais, para este grupo foi escolhido trabalhar com a técnica de papietagem⁹ num molde, já que esta é menos invasiva que a confecção da máscara de gesso, que segundo Bernardo (2004), fossiliza o rosto.

Em seguida, as mulheres travaram um diálogo por escrito com suas máscaras, assim como Bernardo (2008) sugere. Responderam as seguintes perguntas feitas a sua máscara:

- Qual é o seu nome?
- De onde você vem?
- Como você é?
- Do que você gosta?
- Qual mensagem você me traz?

Depois deste diálogo com as máscaras, alguns exercícios corporais foram propostos, nos quais cada participante soprava na sua máscara, dando-lhe vida, assim

⁹ A técnica de papietagem consiste em algumas camadas de jornal picado e colado sobre o molde (que era uma máscara de acetato).

podiam vestir a máscara e observar-se no espelho, após este processo estímulos externos e internos eram fornecidos, como por exemplo, sons, simulação do nascimento, trabalho com os cinco sentidos, aromas, massagens, toques, etc.



No final do processo, algumas encenações individuais e em duplas foram feitas pelas participantes, como encenações do mito de Dioniso e de fábulas, sempre buscando exteriorizar emoções e conteúdos, dando voz aos personagens internos. Jogos teatrais também foram utilizados durante o processo, como o jogo do espelho com emoções opostas¹⁰ e vivência da máscara com estímulos em contextos do cotidiano, como estar na fila do ônibus, dentro de um banco, no parque, entre outros.

Estas atividades permitiram, além de um diálogo mais profundo com os personagens internos, o contato físico entre as participantes, uma vez que até então havia barreiras neste tipo de contato, isto aprofundou o vínculo e o entendimento do processo.

Apresentação e Análise dos Resultados

Participante N.:

N. escolheu o tema da força e associou com um leão, criando assim seu personagem.

¹⁰ No jogo do espelho, um participante é o líder e outro imita seus movimentos, depois invertem as posições. Nesta versão do jogo se trabalha com a representação de emoções opostas, como amor e ódio, tristeza e alegria, dor e alívio, coragem e medo, etc.



Ela relatou em versos o diálogo com sua máscara:

*“De um lugar chamado Fortaleza
 Na verdade eu pareço ser frágil
 Mais (mas) para defender a minha família
 Ou os animais eu me sinto forte e
 Luto para ajudar outras pessoas e me
 Sinto feliz.
 Eu gosto de paz e de me sentir livre
 Ser em paz comigo e com todos
 E me chamo guerreiro da luz
 A minha única mensagem é esta
 Que me sinto como o sol.
 Que todos vieram no universo
 Para irradiar o nosso brilho
 Só preciso achar o caminho
 Porque ainda sinto que tem
 Uma nuvem meio cinza (cinza)”.*

N. recordou a própria adolescência e relatou que ao vestir a máscara se sentiu bem, pois esta levantou seu semblante e, ao mesmo tempo, era como se tivesse medo ao se olhar mascarada no espelho. Depois, a máscara começou a sufocar. Em conversa, ela começa a perceber que sua persona está ligada a uma aparente fragilidade que na verdade oculta sua força e até mesmo certa agressividade, mas como prefere não ofender ninguém é melhor ser comportada, mas reconhece sua própria força.

N. achou as vivências corporais divertidas, pois sempre teve dificuldade de contato até então. Começou a perceber aonde ainda manteve barreiras corporais nos exercícios. Nas encenações, percebeu que sua mania de sempre mudar suas escolhas somente para agradar, não era o melhor, argumentou que deve sim manter sua posição quando necessário. Ela já consegue entrar mais em contato com seu corpo e com algumas emoções. Associou sua aparente fragilidade com seus conflitos no casamento que não deu certo e sua força em criar sozinha quatro filhas, inclusive uma que sofre de depressão grave, mas reconhece uma amargura pela solidão que sente em alguns momentos. Parece que sente certa mágoa daquilo que aparentemente não deu certo para ela e assim exige uma força maior de si própria para continuar. Por fim, ela analisou em conversa que precisa fazer algumas escolhas pessoais e manter estas, para não se anular demais.

Ela representou na máscara a força do leão, explícita na juba pomposa e nos dentes afiados, mas percebe que se mostra frágil, essa força que identifica está dentro de si, no processo entra em contato com seu corpo e suas emoções mais profundas, mas ainda oferece resistências. O leão que retratou está dentro de si, por ora, ela já o reconhece, mas sua aparência remete a fragilidade que ela mesma descreve.

Além disso, enquanto as atividades propostas eram a criação plástica, N. sempre se cobrou demais, embora fosse muito caprichosa, mas quando passamos para as atividades corporais, N. já não precisava se cobrar tanto, pois era seu corpo quem conduzia a criação artística, assim sua autocrítica ficou um pouco mais branda, pois ela não tinha como controlar o resultado da produção.

Participante A.:

A participante A. criou uma máscara com o tema da alegria e seu personagem foi um palhaço, para isso usou bastante brilho e cores fortes como o preto e o vermelho. Ela deu o nome de Aurélia para sua personagem, dizendo que esta veio de um circo, sendo

muito alegre e divertida. Sua personagem gosta de alegria e de fazer os outros rirem. A mensagem que esta lhe traz é de iluminar as tristezas do mundo, já que sua máscara expressa alegria e ela associa o tema com festas. Assim sendo, posteriormente na roda de conversa, ela relacionou a máscara com todas as coisas positivas que a vida lhe oferece e relatou sobre a tristeza e a necessidade de ocultá-la, já que a sociedade não aprova este sentimento e prega o prazer em tudo. A. começa aqui a perceber sua persona e a necessidade de ocultar sua tristeza para agradar seu grupo social ou talvez não preocupá-lo com seus sentimentos negativos.



A. relata que ao vestir a máscara se sentiu-se primeiro sufocada e, em seguida, sente sua tristeza ocultada e o mal-estar passou. Com a máscara é só a sensação de alegria que fica e ao se olhar no espelho mascarada se sente bem. Quanto à associação com o nascimento descreve que este foi difícil, assim como sua infância muito pobre, mas que teve que superar tudo (aqui ela começa a indicar aonde começou a adquirir sua persona que expressa sempre alegria).

Na fase final do uso da máscara, A. pode perceber com maior clareza que tem certa dificuldade de expressar emoções negativas como a tristeza e, para não desagradar

ninguém, veste sempre uma fachada de alegria, mas no fundo sua tristeza está escondida e mal resolvida, reconhece que precisa exteriorizar melhor isso, mas ainda tem dificuldades em se expressar e reconhece que não consegue dizer não para os outros, sufocando-se deste modo.

Considerações Finais

A partir destas atividades realizadas com a máscara neste grupo é possível concluir que a máscara pode auxiliar sim no processo de autoconhecimento do indivíduo, trabalhando suas inibições, suas emoções e sua expressividade. Além disso, a máscara proporciona de uma maneira muito evidente a saída de si mesmo para a entrada no Outro, o que facilita o diálogo com nossos personagens internos, abordando assim conteúdos a serem trabalhados.

Esta pesquisa confirmou ainda a importância da pessoa confeccionar sua própria máscara livremente, pois assim ela cria um vínculo com esta, o que facilita seu envolvimento nas atividades. Afinal, ao confeccionarmos uma máscara tornamos concretos e visíveis conteúdos inconscientes.

O trabalho com máscaras permite então um diálogo com nossos outros eus, como afirma Freitas (apud Bernardo, 2008) para algumas pessoas a máscara pode proteger ou esconder, mas para outras a máscara pode expor. Aqui percebemos que A. sente sua tristeza mascarada, acha que só a alegria pode agradar e, portanto, esforça-se em ser uma pessoa sempre sorridente, por isso, escolheu a máscara da alegria, cheia de brilho e com bochechas rosadas. Enquanto que N. representou o leão, pois embora se sinta e se mostre frágil, ela identifica uma força dentro de si, a qual ainda resiste em expor, preferindo expressar a segura aparência de fragilidade.

Como Urrutigaray (2008) afirma o processo do autoconhecimento implica em ousar, experimentar-se e sair daquilo que nos é confortável para ir de encontro a estados

mais escuros, visando uma integração psicológica que rompe com nossa ilusão de perfeição.

Neste estudo, com esse grupo analisado, verificou-se que a máscara facilitou a percepção de conteúdos e de emoções internas das participantes. A máscara ocultou e revelou emoções, de maneira que essas mulheres puderam reconhecer e exteriorizar essas emoções.

Assim sendo, podemos entender que a máscara é um recurso facilitador deste diálogo interno, permitindo identificar por vezes a persona e reconhecer a própria sombra, ampliando o autoconhecimento e buscando novas maneiras de lidar com a própria realidade.

Data de recebimento: 30 de Abril de 2010.

Data da primeira revisão: 05 de Setembro de 2010.

Data de aceite: 28 de Setembro de 2010.

Referências

AMARAL, A. M. **O ator e seus duplos**: máscaras, bonecos, objetos. 2. ed. São Paulo: Senac-EDUSP, 2004. 159p.

BERNARDO, P. P. **A prática da arteterapia**: correlações entre temas e recursos. Vol I: Temas centrais em arteterapia. São Paulo: edição da autora, 2008. 160p.

_____. A mitologia criativa e o olhar: dando corpo e voz aos diferentes aspectos do ser. Em: ARCURI, I. G. (Org.). **Arteterapia de corpo & alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Arteterapia). p. 121-145.

GRINBERG, L. P. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: FTD, 2003. 238p.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 483p.

STEIN, M. **Jung – o mapa da alma**: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 208p.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia**: a transformação pessoal pelas imagens. 4. d. Rio de Janeiro: Wak, 2008. 150p.

VALLADARES, A. C. A. A máscara como recurso expressivo de doentes com AIDS e de profissionais/estudantes da saúde. Em: PHILIPPINI, A. (Coord.). **Arte Terapia**. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, v. 8, n. 8, p. 5-15, nov./2001. (Coleção Imagens da Transformação).

Artigo Original

ARTETERAPIA E O RELACIONAMENTO ENTRE NETOS-ADOLESCENTES E AVÓS-IDOSOS EM OFICINAS ARTÍSTICAS TERAPÊUTICAS

ART THERAPY AND THE RELATIONSHIP BETWEEN GRANDPARENTS AND GRANDCHILDREN-TEENAGERS IN THERAPEUTIC ART WORKSHOPS

Ronald Horst Sperling¹¹

Resumo

Este estudo trata da relação intergeracional entre avós-idosos e seus netos-adolescentes, tendo como objetivo compreender, por meio do fazer arteterapêutico, como se promove o relacionamento intergeracional, e examinar aspectos deste relacionamento como expressão do ser humano em oficinas artísticas terapêuticas. Observações feitas e relatos dos participantes apontam resultados em que a ideia de que o fazer artístico é portador de elementos dinamizadores de ações que permitem ao sujeito aquilatar não só seu momento de vida como seu relacionamento pessoal.

Palavras-chave: Avôs-idosos; Netos-adolescentes; Relacionamento intergeracional; Arteterapia.

Abstract

This study addresses the intergeneration relationship between grandparents and teenager grandsons, with the objective to understand, through therapeutic art making, how to promote intergeneration relationship, and examine intergenerational relationship aspects, as an expression of the human being in artistic therapeutic workshops. Observations and participants' reports pointed out some results that indicate the idea that making art is a

¹¹ Licenciado em Educação Artística, Bacharel em Pintura, Arteterapeuta (AATESP 009/1203), Mestre em Gerontologia – PUCSP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2554299599650851>. E-mail: ronaldsperling@hotmail.com.

bearer of driving forces of actions that allow the individual to access not only the moment of his life as well as the his personal relationship.

Key words: Old grandparents; Teenager grandsons; Intergeneration relationship; Art therapy

A curiosidade começou a tecer suas questões em minha mente quando, no trabalho cotidiano da escola em que atuo como Professor de Artes há quase trinta anos, pude notar diferentes maneiras no modo de se relacionar que apresentavam os alunos em relação a seus pais e avós.

Sendo, também, arteterapeuta, percebemos através de um olhar cuidadoso, que poderíamos encontrar nas relações observadas, aspectos catalisadores de ações peculiares dentro dos relacionamentos intergeracionais.

Refletindo mais profundamente a respeito do que observamos, decidimos, então, apreciar, por meio de atividades artísticas balizadas pelo fazer arteterapêutico como se processam tais relacionamentos.

Atividades artísticas, balizadas pelos preceitos da arteterapia, podem nos favorecer a observação de uma realidade relacional factível e, proporcionar meios para pesquisas sobre os dinamismos do relacionamento intergeracional, especialmente entre avós e netos.

Segundo Ciornai:

...arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Essa é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do auto-conhecimento, possibilitando mudanças. (2004, p. 7)

Compartilhando das inquietações daqueles que estudam o envelhecimento e se dedicam ao trabalho com idosos, esperamos apresentar uma visão sobre alguns aspectos

do relacionamento intergeracional. Aspectos como os que remetem ao olhar do adolescente sobre a velhice; ao olhar do ser que envelhece sobre a adolescência e sobre o relacionamento entre eles.

Nosso intuito, ao utilizarmos um procedimento, lastreado pelo pensar arteterapêutico, é o de observar através de uma lente que permite ver e perceber a essência de um relacionamento, que o simples contato e a observação material não revelam.

Nessa perspectiva pudemos definir como objetivo: compreender por meio do fazer artístico arteterapêutico, como se promove o relacionamento intergeracional.

A metodologia de estudo e pesquisa que orientou este projeto contemplou duas frentes: a primeira foi orientada para o estudo e investigação da sociabilidade do neto-adolescente e do avô-idoso¹². A segunda foi voltada para o estudo do relacionamento entre o neto-adolescente e o avô-idoso.

A pesquisa proposta foi norteada por um plano progressivo e flexível de coleta de dados qualitativos, “dados não estruturados, por exemplo, transcrição de entrevistas abertas, anotações de campo, fotografias, documentos ou outros registros” (BAUER e GASKELL, 2005, p. 496). Os registros coletados serviram para análise do que foi proposto nesta pesquisa e para subsidiar as conclusões a respeito do tema elencado.

Por meio desta metodologia de pesquisa desenvolvemos procedimentos que permitiram a construção do conhecimento da relação comportamental que permeia a questão do relacionamento intergeracional neto-adolescente – avô-idoso, de forma harmônica e respeitosa, onde, como nos fala Calobrizzi:

...talvez aí se esconda o grande segredo de um pesquisador: mesmo na euforia de coletar dados, não se esquece nem por um instante que, por mais precioso que seja o material que se irá coletar, antes de tudo se deve privilegiar o respeito pelos sujeitos da pesquisa. (2001, p. 94)

¹² Utilizamos o termo “neto-adolescente e avô-idoso” pois, conhecemos uma senhora, avó aos 29 anos

Propomos, então, com a finalidade de investigar o relacionamento inter-geracional neto-adolescente – avô-idoso, por meio de atividades artísticas sob uma ótica arteterapêutica, um conjunto de atividades artísticas a que demos o título de '*Amplificação das Linguagens Expressivas e Simbólicas do Sujeito.*' Utilizamos, aqui, o conceito de amplificação com o sentido de potencialização do estado sensível do sujeito. Essas atividades foram elaboradas a partir do conceito de 'Oficinas Criativas®' proposto por Alessandrini (2002): "Oficina Criativa é o trabalho, (...), de atendimento individual ou grupal, composto de certas etapas, no qual o sujeito expressa criativamente uma imagem interna por meio de uma experiência artística para, posteriormente, organizar o conhecimento intrínseco a esse fazer expressivo" (p. 41). O trabalho em Oficinas Criativas® é composto por cinco etapas: sensibilização, expressão livre, elaboração da expressão, transposição de linguagem e avaliação.

Corpo e mente estão inextricavelmente unidos e a trajetória percorrida pelo indivíduo é muito mais do que simplesmente sobreviver. A adolescência e a velhice são marcadas por descobertas e alegrias, por impedimentos e constrangimentos. Para Arcuri (2004, p. 95) "esse sentir está impresso no corpo ainda que de uma forma inconsciente" e atingem o sujeito em seu âmago e nele deixa marcas.

Marcas que muitas trazem vezes o conceito de sabedoria e de morte associados à velhice e a ideia de conflitos internos geradores de rebeldia associados à adolescência.

Quando falamos de adolescentes e idosos, nos referimos à representação da realidade que emerge de seu relacionamento social e cultural. Nesse movimento, são criadas possibilidades que remetem a questões relativas ao tempo interno, tempo externo e ao tempo compartilhado com pessoas e situações vividas por cada um.

Por meio das linguagens artísticas que utilizamos em formas distintas de atuação, se desenha o modo de vivenciar os encontros, onde se levam em consideração a

adolescência e a velhice como estágios naturalmente importantes no percurso de vida do sujeito.

A arteterapia por oferecer uma “abordagem processual, na qual tanto o fazer da arte quanto o processo de elaboração e reflexão sobre o que é produzido são considerados” (CIORNAI, 2004, p. 15), permite fazer surgir como possibilidade, o caminho que estabelece para o sujeito como passagem do pensamento linear¹ para o pensamento sistêmico¹³.

Estudar o envelhecimento por essa ótica é ter o pensamento voltado para o homem, onde, corpo, mente e psique se interligam nas formas de ação que o ser humano se utiliza para se expressar e relacionar.

A longevidade impõe desafios à humanidade.

Dentro deste primado do pensamento, o envelhecer e a velhice começam a serem percebidos de maneira mais realista e objetiva.

Pudemos observar durante as atividades do fazer artístico, nas oficinas arteterapêuticas, como as pessoas se posicionam perante aspectos de suas vidas. Nenhuma fica indiferente ao se relacionar com materiais plásticos expressivos como tintas, argila ou lápis de cores. Todas, a nosso ver, expressam seus sentimentos e angústias.

A adolescência é uma época em que os sujeitos se colocam como “novos”, como pensado por Otávio Paz (1978, p. 15): “aqueles que trazem as mudanças, a sabedoria e a vida” e, exaltam a pouca experiência, como uma certeza iluminadora em detrimento da experiência e do conhecimento dos mais velhos.

¹³ Consultando o Instituto de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico temos como características do pensamento linear: necessidade de causa, causalidade simples, coerência, horror ao imaginário, monocordismo, pretensão à objetividade, quantificação, reatividade, seqüencialidade, ordem direta, utilitarismo e imediatismo. 2. Podemos encontrar o fundamento do pensamento sistêmico em Edgar Morin (2003, p. 28), que diz: “o campo da teoria dos sistemas é muito mais vasto, quase universal, pois, que num sentido, qualquer realidade conhecida, desde o átomo à galáxia, passando pela molécula, a célula, o organismo e a sociedade pode ser concebida como sistema, quer dizer, associação combinatória de elementos diferentes”.

Os velhos em sua grande parte se acreditam como “velhos”, o que propicia um comportamento e um sentimento de se sentirem ultrapassados, cansados e até abandonados. Muitos se acreditam passíveis de serem descartados.

Para um envelhecer mais ameno, Ian Stuart-Hamilton (2003), nos sugere que “há mais de uma maneira de envelhecer bem, mas todas envolvem, basicamente, aceitar limitações e renunciar a possibilidades sem sofrer um sentimento de perda” (p. 132).

Oferecer aos jovens e velhos a possibilidade de um relacionamento mediado pelo fazer artístico é propor um diálogo diferenciado entre eles.

Médicos e psiquiatras, há muito, mesmo antes de Freud e Jung, vêm realizando pesquisas sobre o fazer artístico como meio de auxiliar o sujeito a entrar em contato com seus conflitos e respectivas soluções.

Em arteterapia, ao utilizarmos diversas linguagens expressivas além da escrita ou falada, oferecemos ao sujeito diferentes possibilidades de expressar-se. O fazer artístico, nesta proposta, não é imbuído da técnica e, sim da possibilidade do experimento. O diálogo que se estabelece entre o sujeito e a “obra de arte” por ele produzida expressa segundo Arcuri (2004), “idéias e emoções (...) livremente em clima de aceitação. As diferenças são valorizadas e as potencialidades encorajadas.” (p. 155)

Netos e avós em uma relação onde há trocas de informações por meio da elaboração de “obras de arte” continentes de significados comuns a ambos é o que dá forma ao reconhecimento e ao acolhimento mútuo.

Os sujeitos que participaram das oficinas foram três avós: Maria, Meire e Fábía e cinco netos: João, Felipe, Nádia, Luiza e Sônia. Todos têm em comum, amor, carinho, curiosidade e o gostar de conhecer e aprender coisas novas.

A metodologia de coleta de registros para as conclusões a respeito do tema se deu a partir de: obras produzidas em oficinas de arteterapia, onde segundo Allessandrini (2000, p. 57): “o ato criador participa de cada gesto, movimento, pensamento, ideia,

sensação ou sentimentos vividos pelo homem.”; pesquisa bibliográfica, como assinala Bogdan-Biklen (1994, p. 52): “seja ou não explícita, toda a investigação se baseia numa orientação teórica” e, depoimentos dos participantes. Conforme Bogdan-Biklen (1994) “o significado que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais” (p. 54).

Para representar e/ou expressar um sentimento ou emoção formando um corpus (BAUER e GASKELI, 2005, p. 44), e utilizamos basicamente as linguagens dos desenhos, modelagem, colagem e pintura.

Consideramos pertinente e nos mostra bem o espírito do trabalho em arteterapia o relato de Fabietti (2004): “Como arteterapeuta, meu papel é o de ouvinte atenta e de facilitadora na condução do trabalho, sempre pronta a ajudar as idosas a superar obstáculos e a valorizar seus processos pessoais” (p. 18). Exercitando-se pelo fazer artístico, o sujeito sente emergir forças interiores que o tornam capaz de expor seu momento de vida presente ou re-visitar suas experiências, pessoais ou em relações com outros, podendo, muitas vezes, transformar sua realidade. Assim, o ‘fazer arteterapêutico’ tem como escopo fundamental auxiliar o sujeito a se conhecer, viver e a continuar escrevendo sua própria história.

Nessa atuação os sujeitos são chamados a exercer o diálogo e a aceitação das opiniões uns dos outros e a acolher a forma de ser de cada um.

Com o desenvolvimento do intelecto e a partir da manipulação de diversos materiais, o ser humano elaborou diferentes maneiras de se expressar. A esse respeito, Allessandrini (1998), assinala que, “por intermédio do fazer artístico, ele (o ser humano) cria um objeto que tem singularidade” (p. 29).

Criar.

O ser humano tem no ato de criar algo tão inerente, instintivo e profundo como sonhar. Ato que remete o pensamento às fronteiras do inusitado, do inesperado, do

maravilhoso. Criatividade é um atributo e um ato de ousadia, que faz com que as manifestações humanas sempre se mostrem diferenciadas e, muitas vezes surpreendentes. Esse é um dos aspectos mais instigantes do homem... objetos, histórias, monstros, símbolos, figuras trans-reais...

Para Jung (1991), “o lugar ou o meio desta realização não é nem a matéria, nem o espírito, mas aquele reino intermediário da realidade sutil que só pode ser expresso adequadamente através do símbolo” (p. 400).

Iniciamos os encontros com um relaxamento. Segundo Arcuri (2004), “as técnicas de relaxamento possibilitam o emergir de fantasias, tornando o indivíduo espectador de suas próprias vivências internas” (p. 63). Depois foi realizada a atividade artística; em seguida foi feita a transposição da linguagem plástica para a verbal. Esse é um momento importante, pois, conforme Allessandrini (2004): “convida o sujeito a acionar um movimento na ordem do descontínuo, ou seja, em um outro nível de consciência energética interna. O que foi vivido é redimensionado, (...) Algo é apreendido, *per si*, nessa ação” (p. 84).

Descrição dos encontros

1º encontro – cooperação - lápis e papel – Primeiro experimentar individualmente o material plástico, depois criar um desenho em conjunto. O ato de experimentar materiais sem o compromisso de produzir algo igual à realidade permite ao sujeito o gestual intuitivo que desinibe. Procurar formas evoca o movimento e o gesto e, colorir traduz a emoção que emerge durante a criação.

2º encontro – reencontro - giz de cera – pintar uma recordação de infância. Visualizar-se em uma atividade requer articulação do pensar com a memória. Transpor uma experiência da memória para linguagem plástica e, posteriormente para a linguagem verbal exige reflexão e flexibilidade.

3º encontro – dia-a-dia – fazer uma colagem com fotos de revista. As revistas trazem imagens prontas. Os materiais são mais concretos. É um trabalho que denota representação e espacialidade bi-dimensional. Legendas consolidam a compreensão.

4º encontro – a natureza – representar a natureza usando massa de modelar. Usar em primeiro lugar a imaginação e em seguida compartilhar verbalmente a visualização faz com o sujeito entre em sintonia com seu parceiro para realizar a tarefa sugerida.

5º encontro – um passeio – fazer a pintura de um passeio utilizando tinta guache. A tinta guache, uma pasta, pode ser utilizada pura ou diluída. Pode ser aplicada com pincel ou com os dedos. Ao utilizar cores e texturas e de acordo com a intensidade da pintura, o sujeito representa com é seu modo de ver a si, aos outros e, como se relaciona com o mundo.

6º encontro - reciclagem - fazer uma colagem utilizando recortes de outras pinturas. Apropriar-se do trabalho de outrem, confeccionar uma imagem que apresente a própria visão de mundo, estimula no sujeito um sentimento de respeito e admiração pelo fazer alheio e pelo seu próprio.

7º encontro – harmonia – pintar uma mandala já desenhada. O exercício é pintar um desenho já pronto. A dificuldade consiste em combinar as cores, buscando uma pintura harmônica. “tradicionalmente, as mandalas servem como instrumentos de meditação que intensificam a concentração no eu interior (...). Ao mesmo tempo, elas produzem uma ordem interior.” (FINCHER, 1991, p. 32).

8º encontro – desafio – pintar um desenho pronto com quatro cores. Apenas quatro cores para pintar um desenho sem que uma mesma cor ocupe duas áreas contíguas “cria as dificuldades a serem superadas”, (MACEDO, PETTY e PASSOS, 1997, p. 26). Este desafio é difícil e demanda do sujeito atenção e cuidado.

Encontros

Maria e João

Durante os encontros de Maria e João observamos que Maria sorria muito e, a imagem que ela criava fluía tranquilamente. João olhava a avó, balançava a cabeça e, muitas vezes, falava baixinho: - essa é a minha avó. Maria procurou expressar sua família, moradia e modo de vida. João preocupou-se com uma namorada bonita e vir a ser jogador profissional de futebol. Vivenciar, pelas atividades artísticas o desafio oferecido na manipulação de materiais expressivos, permite ao sujeito experimentar formas de se colocar ante os desafios do viver. Quando indivíduos de gerações diferentes convivem em um mesmo instante e em uma mesma ação, as articulações entre as histórias de vida podem, ou não, gerar conhecimento que agrega valor aos indivíduos. A cor dos lápis que fazem surgir formas, tintas que se transformam sempre em imagem, massa de modelar que se transforma em objeto etc., são como espelhos refletindo as vivências particulares do sujeito. Segundo Maria, o processo do envelhecimento a torna mais lenta, com menor destreza. “Esse envelhecimento é lento – na maioria das vezes – processo de invasão da vida pelas diversas faces da morte” (PONDÉ, 2003, p. 33). Os detalhes dos comportamentos nos levam a pensar que o relacionamento avó – neto se dá de forma agradável e, respeitosamente acolhedora. O ímpeto da juventude de João sempre o levava em direção ao querer acabar logo os trabalhos propostos. Queria ver se o desafio seria superado. A maturidade da avó era o meio ponderador que analisava e coordenava a ação para que ela produzisse o esperado e chegasse a bom termo.

Meire e Felipe

Nos encontros de Meire e Felipe pudemos observar que o fazer artístico, com o olhar arteterapêutico de uma pessoa habilitada, pode auxiliar o sujeito no diálogo consigo mesmo e com outros. Houve acolhimento de Meire por Felipe que, muitas vezes, ajudou a

avó em seu fazer. Em um dos encontros Meire trouxe outros dois netos além de Felipe. Chamou-nos a atenção como ela tratava os netos, parece-nos que ela fazia distinção entre eles. Percebemos pontos de tensão que podem vir a ser elementos desencadeadores de conflitos entre os netos e, também com a avó. Os encontros eram significativos quanto ao relacionamento: a avó tentava chamar a atenção do neto pelos atrasos e, ele irritado levantava a voz: - vamos fazer esse trabalho logo e depois conversamos. Ele, no fim, do trabalho de colagem, escreveu: 'Trabalho da Vovó', em uma demonstração de carinho e que gosta dela. Quando o neto diz: "Vou fazer um foguete para levar a gente (avós, mãe e irmãos) lá para as estrelas", se permite um passeio pelo profundo imaginário. Torna-se, a nosso ver, neste mundo, o guardião dos avós e sente-se responsável não só pelos avós, como pela família.

Na pintura da mandala, com alegria ou conflito, vimos no modo de manusear os lápis e na intensidade da pintura o instante emocional, dentro do encontro, vivido por cada um. O desafio proporcionado pela atividade nos mostrou um relacionamento tenso e desconfortável. Evidenciaram-se a intolerância e o querer fazer tudo na hora, marcante do adolescente. A energia jovem, incontrolada, mesmo balizada pela maturidade não produz resultados que permitem a evolução do saber. Há necessidade de se refazer a experiência mais vezes, para que aconteça a introjeção do novo conhecimento.

Fábia, Sônia, Nádia e Luiza

Os encontros da avó e das netas tiveram o diferencial de acontecerem a oito mãos. A arteterapia vê o processo criativo como um instrumento que, aliado ao fazer artístico, se apresenta como mediador entre o homem consciente e, o homem inconsciente. Seu valor repousa na possibilidade das reflexões possíveis a partir de trabalhos artísticos. Oferecer a oportunidade de um relacionamento, pelo fazer artístico, permite crescimento pessoal para o adolescente, que "tem sede de encontrar outros jovens ou adultos, pois necessita

de novas incorporações de sentimentos, de novas maneiras de pensar e ser” (CLERGET, 2004, p. 63) e, para o velho, que pode compartilhar sua experiência com uma vida que se inicia,

Fábia ao desenhar uma árvore fez um trabalho de filigrana. Reclamou de dor na mão, por causa dos detalhes. Uma neta se ofereceu para ajudá-la, mas ela recusou por um tempo. Foi um momento de confraternização. Pudemos apreciar que o lúdico e o brincar, em qualquer idade, são promotores da integração, demonstração de afeto e acolhimento. Com o avançar da idade o corpo não apresenta a mesma flexibilidade, o vigor muitas vezes diminui e o tempo interno muda.

A conversa entre as netas e a avó é monossilábica e gestual.

Os velhos que povoam a atualidade são indivíduos que, em sua maioria, se orientam, pensam e se comportam pelos padrões apreendidos em sua juventude. Nas oficinas, na maioria das vezes, havia sorriso e brilho nos olhos das netas e da avó.

Chamou-nos a atenção Fábia estar sempre fazendo árvores para acolher as pessoas.

As quatro faziam os trabalhos em silêncio e sem trocar muitas opiniões. Na hora de apresentarem suas “obras de arte”, limitavam-se a relatar apenas o que podia ser visto. A pouca comunicação observada, sugere que na vida fora da oficina terapêutica o mesmo ocorre. Observa Zagury (1996): “claro, às vezes é muito difícil conversar com um adolescente, porque eles parecem estar em permanente oposição a tudo que se diz” (p. 24).

Em atividades coletivas, todas tiveram que interagir e dialogar para completar as tarefas. As atividades desenvolviam-se em clima de brincadeira. Brincar é sempre um momento no qual o sujeito se despe de comportamentos ditados pela sociedade. Aos mais velhos cabe passar para os mais novos os conhecimentos que receberam de seus

ancestrais e os advindos das próprias experiências. Para os mais novos, esse patrimônio moral e cultural é que formarão os alicerces de suas vidas.

As quatro tomavam conta umas das outras enquanto desenvolviam os trabalhos, sempre cuidando para que os trabalhos resultassem como previsto. Todas opinavam sobre o que deveria ser feito. As decisões nem sempre agradavam a todas, porém eram respeitadas e aceitas. Perguntamos sobre o observado e seu desdobramento no cotidiano. Responderam que nem sempre as discussões eram pacíficas e as decisões nem sempre eram aceitas sem uma cara feia, um choro ou uma “birra”.

As discussões pautavam-se pela estética da obra.

Para o adolescente e o velho, os conhecimentos comprovados, as ilusões e quimeras, representam um farol norteador que orienta ações e reações perante um momento de relacionamento.

Conclusões

Distinguir um adolescente de um velho não é difícil quando se leva em consideração apenas o aspecto físico de ambos. Esse indicador visual, porém, não é suficiente por ser limitado e cerceado pela cultura em que eles estão inseridos e, que dita as regras. As fantasias e mitos criados em torno deles, povoam a imaginação das pessoas e as fazem ver, de forma muitas vezes distorcida, como é, a vida do adolescente ou do velho. Os encontros entre avós e netos mostraram que emocionalmente pouco diferem um do outro.

A esse respeito, Martins assinala (1991) que o ser humano “não pode ser algo especial, mental, cronológico, sem ser isso tudo uma totalidade” (p. 2). O que faz o sujeito parecer diferente com o passar dos anos é o modo como é afetado pelas experiências pessoais.

Ainda olhamos a velhice “como declínio e, sobretudo, como a impossibilidade de ser positivamente valorizada na medida em que já ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida” (BARROS, 2004, p. 17).

Mas, afinal, o que é ser velho? A Organização das Nações Unidas, em 1985, tomou a idade de 60 anos como marco para considerar o sujeito idoso, sem pensar na diversidade de estilos de velhices. Acreditamos que a velhice apresenta tantas faces quanto são os indivíduos que vivem no planeta.

A quase obrigatoriedade de se envelhecer e continuar a viver como na adolescência ou na maturidade, não atenta para o tempo que passa causando alterações, principalmente físicas, nos sujeitos. Nesse sentido, é significativo o pensamento de Ubaldo (1999, p. 288): “Cada um tem sua jornada, aurora e crepúsculo; cada ser vive apenas às custas de envelhecer. *A vida só pode existir à custa de uma degradação dinâmica e contínua*”.

Comportamentos ilusórios de relacionamento INTERGERACIONAL podem ocorrer devido ao conceito de épocas de evolução, como nos aponta Monteiro (2003): “as classificações, muitas vezes rígidas, que separam o jovem da criança e o jovem do velho, chegam a iludir e determinar espaços específicos de convivência das pessoas” (p. 85).

Os principais valores que surgiram da análise dos encontros foi a da senda que conduz para a convivência pacífica e para o diálogo sem agressões físicas ou verbais. Se nos voltarmos, porém, aos momentos de confronto, veremos que nem tudo é olhado sempre por lentes cor-de-rosa. Existem horas em que as lentes mudam de cores e ficam embaçadas. Nessas situações, acreditamos se dão os culturalmente chamados “conflitos de gerações”.

No decorrer das oficinas de arteterapia constatamos um panorama diferenciado: a relação de proximidade mostrou um encantamento exercido pelas avós sobre os netos, ao desvelarem de forma lúdica o seu lado humano, sensível e experiente. Do mesmo

modo as avós se encantaram com os netos ao vê-los demonstrando segurança, destreza e alegria ao estarem ao lado delas.

A partir desses encontros percebemos que essas avós e netos não seguem o padrão estabelecido de relacionamento, estereotipado, no qual se pensa o velho como incapaz de aprender coisas novas e o adolescente sempre vigoroso e maravilhoso.

Nessa constatação se mostra a importância de um trabalho em que, em uma relação intergeracional, mediada pelo fazer artístico, há possibilidades do crescimento relacional para os sujeitos que dele participam.

A reflexão sobre os resultados enfatiza a arteterapia como recurso disponível, por meio do qual os indivíduos podem desfrutar de um relacionamento agradável e construtivo, gerador de novos aprendizados e de “realização de sonhos que tinham sido postos de lado em virtude das exigências e compromissos da vida adulta” (SIMÕES, 2004, p. 25).

Nesse sentido, refletindo no valor que a arte tem, nos vem à memória o pensamento corrente durante a década de 1960 em que era alardeado que o século XXI seria a “Era das Artes”. Todos vislumbrávamos um mundo de artistas. Ao adentrarmos a “Era das Artes”, o fazer artístico assume nova configuração, e lega seus tributos para ajudar o ser humano em sua valorização e superação de obstáculos.

Independentemente do pensar filosófico, a arte é um maravilhoso engenho, que possibilita o trânsito pelo espaço e pelo tempo. Fluir pelos espaços e tempos permite ao sujeito ultrapassar barreiras de universos físicos e mentais.

Conhecer a velhice, ensinar a respeitá-la e dela cuidar é ter, independentemente da idade, cidadãos que se preocupam uns com os outros. Agir desta forma, não é deitar sonhos em não sei que parte da realidade e, sim, acreditar em uma ação que possibilita o viver em uma sociedade onde uma relação mais humana entre seus participantes se faça presente.

Data de recebimento: 30 de Abril de 2010.

Data de aceite: 07 de Julho de 2010.

Referências

ALLESSANDRINI, C. D. A Alquimia Criativa. Em: BRANDÃO, C. R.; ALLESSANDRINI C. D.; LIMA, E. P. **Criatividade e Novas Metodologias**. Série Temas Transversais vol.4. São Paulo, Ed. Fundação Peirópolis, 1998.

ALLESSANDRINI, C. D. **Análise Microgenética da Oficina Criativa** - Projeto de modelagem em Argila. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ALVES, L. F. **Família e envelhecimento – Um Estudo da Dinâmica Relacional da Família na Fase Última do Ciclo Vital sob a Perspectiva do Idoso**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC São Paulo. 2001.

ARCURI, I. G. **Memória Corporal – o Simbolismo do Corpo na Trajetória de Vida**. São Paulo: Vetor, 2004.

BARROS, M. M. L. Velhice na Contemporaneidade In: PEIXOTO, C. E. (org.) **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto, 1994.

CIORNAI, S. em CIORNAI, S. (org.) **Percursos em Arteterapia** – Arteterapia Gestaltica – Arte em Psicoterapia –Supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

CLERGET, S. **Adolescência – a Crise Necessária**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

FABIETTI, D. M. C. R. **Arteterapia e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FINCHER, S. F. **O Autoconhecimento Através das Mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1991.

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MACEDO, L. de, PETTY, A. L. S. e PASSOS, N. C. **4 Cores – Senha e Dominó. Oficinas de Jogos em uma Perspectiva Construtivista e Psicopedagógica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MARTINS, J. Não Somos Cronos, Somos Kairós. **Revista Kairós**, São Paulo, ano 1, nº 1, EDUC, 1991.

MONTEIRO, P. P. **Envelhecer-Histórias-Contos-Transformações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PAZ, O. **Filhos do Barro**. São Paulo: Paz e Terra. 1978.

PONDÉ, L. F. **Primeiro Fragmento de uma Crítica à Razão Infeliz**. In: Revista Kairós, São Paulo, v. 6 – n. 2, 2003.

SIMÕES, J. A. Provedores e Militantes: Imagem de Homens Aposentados na Família e na Vida Pública. In: PEIXOTO, C. E. (org.) **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

STUART-HAMILTON, I. **A Psicologia do Envelhecimento: uma Introdução**. São Paulo: ARTMED, 2002.

UBALDI, P. A. **Grande Síntese**. Rio de Janeiro: Instituto Pietro Ubaldi, 1999.

ZAGURY, T. **O Adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Artigo Original

A EXPRESSÃO ESCONDE UMA ESTÓRIA. A PALAVRA DESVENDA-A

THE EXPRESSION CONCEALS A STORY. THE WORD ELICITS

Luzia Sampaio de Athayde¹⁴

Resumo

O espaço arteterapêutico se configura com um palco onde o sujeito imagina, confere uma forma, trans-forma, ordena, re-ordena, significa conteúdos psíquicos, re-significando a vida. As diversas modalidades artísticas utilizadas no processo arteterapêutico para mediar a representação de conteúdos internos emergem numa linguagem simbólica. O símbolo é a linguagem que o inconsciente utiliza para se comunicar com a consciência. Este trabalho propõe reflexões sobre a simbologia contida nas imagens de um sujeito em processo arteterapêutico, o diálogo com as expressões e contato com aspectos desconhecidos de seu ser, a partir do diálogo mantido com os materiais expressivos.

Palavras-chave: Arte; Imagens; Símbolos.

Abstract

The therapeutic art space is like a stage where the person imagines, gives a shape, changes forms, organizes, reorganizes, signifies psychic contents, (re)signifying life. Several artistic modalities used in the therapeutic art process in order to mediate the representation of internal contents, emerge in a symbolic language. Symbol is a language that the unconscious uses to communicate to conscience. This article proposes reflections about the symbolism contained in the images from a person in therapeutic art process, the dialogue with expressions and the contact with unknown aspects of its being, from the dialogue kept with expressive materials.

¹⁴ Psicóloga Clínica, Hipnóloga e Arteterapeuta pela Universidade Potiguar em parceria com Alquimy Art São Paulo. E-mail: luzia_athayde@hotmail.com.

Keywords: Therapy Art; Images; Symbols.

Introdução

Nossos ancestrais que habitavam as cavernas já utilizavam a linguagem simbólica para se comunicar, transmitir mensagens, manter um diálogo com o mundo através dos únicos meios de comunicação de que dispunham: a expressão corporal e os desenhos e pinturas rupestres. Achados arqueológicos, como a roda, as jóias, as artes, as ferramentas, entre outras, comprovam que o homem primitivo deu forma a seres e objetos que habitavam o mundo de sua imaginação. O Homo Sapiens já possuía mecanismos cerebrais complexos, necessários ao pensamento simbólico.

Nos séculos XVI e XVII, os estudiosos da psique humana consideravam apenas a parte consciente da personalidade, o inconsciente era praticamente desconhecido. Como grande pesquisador, Jung questionou e valorizou as imagens que habitavam seu inconsciente nos sonhos e fantasias. Decidiu então interpretar, decodificar e compreender o significado de tais imagens enquanto expressão da psique. Denominou essas imagens de símbolo e utilizou o conceito de acordo com sua etimologia: *syn* = juntar, unir; *balein* = em direção a uma meta, um objetivo.

A etimologia do conceito mostra o símbolo como algo composto e, apenas quando combinado, é verdadeiramente um símbolo; como um sinal visível de uma realidade invisível ou algo externo que revela algo interno. Nesse sentido, o símbolo seria a estrada que une consciente e inconsciente. Essas imagens (símbolos) revelavam a linguagem do inconsciente; estabeleciam o elo entre a consciência e as camadas profundas da psique. Para isso, “utilizava-se à capacidade cognitiva do ser humano, a fim de representar uma experiência e mantê-la na consciência”. (JUNG apud GRINBERG, 2003, p.73).

Païn (1996) registra o interesse de psiquiatras pelas expressões plásticas dos doentes mentais desde o final do século XIX. Igualmente, Mohr (1906), Simon (1876 e

1888) e, posteriormente, Prinzhorn (1992) facilitaram as produções dos alienados, colecionaram-nas e estudaram-nas. Já no campo da Pedagogia Ativa, pedagogos exploradores e inovadores, a exemplo de Decroly, Freinet, Montessori, entre outros, incentivaram e encorajaram a expressão criadora na criança. Assim, temos ainda valiosas contribuições da Antroposofia, da Psicanálise, da Psicologia profunda, das abordagens existenciais e holísticas, destacando nomes como Margaret Hauschka, Freud, Melanie Klein, Jung, entre outros igualmente importantes, a exemplo de Nise da Silveira, psiquiatra alagoana que, em 1946, incluiu as oficinas de arte no contexto terapêutico, destacando o “fazer com emoção” nas sessões de terapia ocupacional no Centro Psiquiátrico D. Pedro II. (PAIN, 1996, p.13)

Arteterapia

Arteterapia significa um recurso adotado em contextos terapêuticos, cuja metodologia supõe o emprego de técnicas de expressão artística, através das quais o homem se autoconstrói a partir das (re)interpretações por ele elaboradas em relação ao outro e à realidade na qual está inserido. O fazer artístico reveste-se do potencial de cura, ainda que não disponha do acompanhamento do arteterapeuta, a quem compete possibilitar através da interação a abertura de espaço para o desenvolvimento e a expansão da imaginação e da criação, pelas quais o sujeito delimita contornos, explora e amplia significados, constrói e reconstrói sentidos.

Em relação às contribuições e benefícios da Arteterapia na construção de um novo ser, – íntegro, total – vamos encontrar em Fabietti (2004) o conceito estabelecido pela AATA, American Art Therapy Association, que diz:

Arteterapia é uma profissão assistencial ao ser humano. Ela oferece oportunidade de exploração de problemas e de potencialidades pessoais, por meio da expressão verbal e não-verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem por meio de experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas. (American Art Therapy Association, Boletim Informativo, 1993 apud FABIETTI, 2004, p.18).

No processo arteterapêutico, ao interagir com a imagem, o indivíduo mantém um diálogo silencioso; torna-se um espectador sem pretensões de conceber de imediato um significado nas formas e cores do objeto de expressão. Daí ser de fundamental importância a amplificação simbólica por parte do arteterapeuta como facilitador dessa conexão, não obstante, o significado vinculado às imagens ser exclusividade da pessoa que foi tocada emocionalmente; só e apenas ela pode descobrir o significado e o sentido oculto na situação concreta.

Nesse sentido, o belo e o estético perdem sua importância no processo arteterapêutico; valoriza-se a expressão em sua forma singular e única; busca-se trabalhar o significado das imagens de modo que o símbolo cumpra seu papel, conectando a consciência do indivíduo aos conteúdos subjetivos que tenham a ver com a sua existência.

De acordo com Philippini (2001), no decorrer do processo arteterapêutico, as imagens simbólicas que se corporificam – seja através de um desenho, de uma pintura ou escultura ou através de uma poesia –, informam e comunicam sobre a jornada interior, sobre os estados e níveis de desenvolvimento de cada indivíduo, sugerindo que, aplicadas às atividades psicológicas representativas do sujeito, esse indivíduo materializa a energia psíquica que necessita emergir, promovendo desse modo o seu crescimento e desenvolvimento. A autora fornece ainda uma visão da força do símbolo e seu poder transformador, afirmando que:

As atividades artísticas utilizadas configurarão uma produção simbólica, concretizada em inúmeras possibilidades plásticas, diversas formas, cores, volume, etc. Esta materialidade permite o confronto e gradualmente a atribuição de significado às informações provenientes de níveis mais profundos da psique, que pouco a pouco serão apreendidas pela consciência. (PHILIPPINI, 2001, p. 13)

Enquanto materialização representativa de uma realidade, o símbolo habita nos indivíduos, tornando-os sujeitos sociais, de história, de cultura e de linguagem, igualmente condicionando-os inconscientemente e conscientemente. Significa dizer que tal influência incide

no próprio viver cotidiano, em meio ao qual estamos inseridos através das mais variadas formas de expressão.

No trabalho de Arteterapia, o terapeuta faz uso de métodos e técnicas apropriados, que possibilitam a exploração dos recônditos mais profundos do ser; ajuda na condução do processo ao facilitar o emergir de conteúdos inconscientes que são liberados e integrados à consciência, promovendo um crescimento e um conseqüente atuar de maneira responsável e criativa no contexto do aqui e agora. O papel do arteterapeuta é, em princípio, oferecer um espaço acolhedor, acompanhando o processo de desenvolvimento sujeito-paciente, testemunhando suas investidas, nelas intervindo ante cada desafio e aí o contemplando em sua subjetividade. Sendo assim, compete-lhe oferecer materiais e técnicas facilitadores do mundo subjetivo, em que cada participante do ateliê é aceito em sua singularidade e individualidade.

A escolha da técnica e dos materiais é cuidadosamente selecionada de acordo com as características e desenvolvimento da pessoa ou do grupo, assim os resguardado em suas peculiaridades, uma vez que cada material exerce uma possibilidade de atuação no sujeito. Cabe ao arteterapeuta realizar possíveis intervenções, desde que facilitem a exploração e integração do simbólico. Nesse sentido, é importante ter um olhar acurado e um ouvido sensível para a escuta.

Nesse estudo foi utilizada a metodologia da Oficina Criativa[®], procedimento este desenvolvido pela Dra. Alessandrini, fundamentado no modelo conceitual de Lusebrink & Kagin no *Continuum* de Terapias Expressivas – ETC –. Tal procedimento,

consiste em quatro níveis organizadores numa sequência desenvolvimentista da formação de imagens e processamento de informações: nível cinestésico/sensorial, perceptual/afetivo, cognitivo/simbólico e o criativo que pode estar presente em qualquer dos níveis anteriores e pode envolver a síntese de todos os outros níveis. (ALLESSANDRINI, 2004, p. 86)

Por sua vez, esse *continuum* baseou-se nos estudos de Piaget e Inhelder, pressupondo “uma continuidade na evolução das ações e propondo uma sequência

expressiva que reflete os diferentes estágios do desenvolvimento humano”. (ALLESSANDRINI, 2004, p. 86)

O presente relato de caso foi desenvolvido em numa instituição para deficientes, com um grupo de cinco cuidadoras da pessoa com deficiência. Foram utilizadas técnicas respiratórias, objetivando possibilitar, às participantes, um mergulho interior, maior contato com as sensações corporais, sentimentos e emoções, maior centramento e envolvimento nas etapas subseqüentes ao momento da sensibilização.

Optamos por ressaltar a simbologia presente em suas expressões, demonstrando desse modo as fases de crescimento e desenvolvimento da cliente enfocada nessa pesquisa, rumo ao projeto de Ser.

OAS, o sujeito selecionado para o presente estudo, apresentou-se no ateliê terapêutico com um histórico de depressão, queixando-se de contrações musculares, dores no corpo, falta de concentração, além de relatar conturbações tanto em sua vida conjugal quanto familiar. Ainda assim, o que mais a incomodava era a falta de domínio sobre seus próprios pensamentos, predominantemente negativos. Sua história de vida fora marcada por uma infância sem alegrias e de muita fome. Sentia-se culpada, até então, por ter um filho de cada companheiro, e atormentada por não saber quem estuprou sua filha deficiente: desconfiava do companheiro. O caso encontrava-se na justiça.

Apesar de seu estado depressivo desde o acontecimento (ocorrido há cinco anos), OAS mostrou-se determinada a conquistar a união familiar, a alegria, a felicidade, a paciência e o domínio dos pensamentos negativos. Em dez anos que frequenta a instituição, esta é sua primeira participação em Oficinas Criativas[®]. Devido ao histórico pessoal e à fragilidade que caracterizava o grupo, optamos por oferecer, nos primeiros encontros, materiais e técnicas que trabalhassem a atenção e ordenação. Afastamos a preocupação com a beleza e a perfeição – tão acentuadas nas primeiras oficinas –, pois falavam sempre que não sabiam desenhar.

Nos três primeiros encontros, OAS esteve atenta às informações sobre a importância da respiração, praticando os exercícios com apuro e participando de todas as etapas da Oficina Criativa[®] com empenho. No quarto encontro, surpreendeu quando trouxe uma fala reflexiva acerca de suas necessidades individuais, sentimentos, bem como das decisões que havia tomado. Ao chegar ao ateliê, foi observada, sua determinação e imposição da voz, ante o comentário de que, ao sair de casa, seu companheiro sugere que ela volte logo, ao que ela responde: “Quando terminar eu volto”. Comentou que se sentia mais relaxada; Acrescenta sua angústia em relação à problemática da filha com deficiência, desabafando, chorando, sentindo-se aliviada após externar seu sentimento.

Ao realizar o trabalho respiratório, o elemento ar foi evocado enquanto vida, força do espírito, sopro divino. Igualmente, foram convocados ao trabalho a consciência corporal, os pés em conexão com o elemento terra e o relacionamento com a matéria. Com isto a possibilidade de trabalhar os opostos. Foi sugerida, no momento da expressão plástica, a pintura da Mandala. Imagem que, por sua forma geralmente circular, simboliza o centro. De conformidade com Chevalier e Gheerbrant (2002, p.596), Jung recorre à imagem da Mandala para designar uma representação simbólica da psique, cuja essência nos é desconhecida.

Oferecemos tinta guache, *glitter*, lápis hidrocor para a pintura da expressão.

Ao concluir a pintura, OAS comenta que estava se sentindo outra pessoa, que refletiu muito, percebendo que não podia passar o tempo todo chorando, que precisava resolver as situações e viver. Solicitou que fosse chamada de Rosa. Que havia pensado muito e agora, fala: “Primeiro Eu, primeiro Eu, primeiro Eu. A Rosa que só escrevia nas primeiras sessões agora pintou”.



Figura 1 – A Rosa pintou
Fonte: Oficina Criativa[®] Sessão 4

No depoimento de OAS, percebe-se a revelação de uma tomada de consciência e um posicionamento perante seu estado emocional. Uma característica observada em OAS foi a sua facilidade e espontaneidade no momento da *transposição para a linguagem*.

A Mandala que OAS escolhera para pintar, conforme Fioravanti (2003, p. 50), “tem em seu centro uma estrela e a vibração do número 8 em pétalas. Ela parece dinâmica e com certo movimento”. A escolha feita mostra a evolução nos trabalhos e nas tomadas de decisão. OAS se refere às cores da imagem, expressando o que significam para ela. Utilizou no círculo intermediário a cor amarelo-claro, representando seu posicionamento; a estrela na cor rosa, como símbolo o amor; coloriu de verde as pétalas da flor, simbolizando a esperança; contornou a Mandala com *glitter* azul, para simbolizar paz e a tranqüilidade; e de laranja o círculo maior, que pode representar muito bem seu rápido progresso. Em parte, o que expôs comunga com Fioravanti (2003, p.50), quando diz que: “a cor amarelo-ouro no círculo central, está associada aos processos mentais”.

No encontro em que foi trabalhado o elemento fogo – precisamente na sexta sessão –, o ar também foi evidenciado, sendo as orientações acerca da consciência do respirar o caminho que leva à interiorização.

Em seguida, ao som da música Luna Madre, foi feito um pedido à mãe Lua para que velasse pelo destino dos filhos, iluminasse e guiasse os caminhos, assim evitando situações de incerteza diante da vida. Sentada e de olhos fechados, ouviu um texto sobre a simbologia do fogo. Concluída a *sensibilização*, foi oferecida tinta guache para a expressão livre.

Tanto sua expressão plástica quanto a verbal foram significativas. Afirma: “Quando queimei os pontos negativos e entraram os positivos, senti o sol brilhando diante de mim, radiante abrindo uma luz dentro de mim, com muitas cores vivas, representando o arco-íris, a cor da felicidade. O verde eu gosto de usar que é a esperança, o amarelo o ouro, o vermelho que é a paixão, o azul aquele clarinho do céu que é gostoso de respirar”.

Como se constata, nessa expressão e em sua fala muita simbologia, como a do arco-íris, do sol, da luz e de São Jorge (este último com a ressalva de que a lua e o dragão não foram mencionados).

Precisamente sobre a simbologia do arco-íris, Chevalier e Gheerbrant (2002, p.77) descreve que ‘o arco-íris é *caminho* e *mediação* entre a terra e o céu; já o sol, rico em simbolismo, é para muitos povos a manifestação da divindade”. Eis, textualmente, as impressões de OAS diante da imagem esboçada:



“Quando a gente está triste e olha para o céu, olhando as estrelas, parece que a gente está vendo São Jorge. [...] Vi muitas cores lindas, uma sensação agradável de limpeza. [...] Queimei tudo que estava me incomodando, fui queimando e jogando as cinzas no lixo, na caixinha coloquei muita paz, amor, saúde e união”.

Figura 2 – Energia do fogo
Fonte: Oficina Criativa® - Sessão 6

Tomando por base suas afirmações, percebemos naturalmente que a cliente segue um programa de crescimento psicológico individual.

No decorrer do processo, os comentários de OAS referentes à respiração, continuam a surpreender. Em seu sétimo encontro, foi trabalhada a consciência respiratória e corporal, assim como a respiração abdominal – desta vez realizada em decúbito ventral. OAS fala da importância da respiração em sua vida e de como sua conduta se modificou com a Arteterapia. O trabalho respiratório e a sensibilização conduziram-na a um profundo estado de relaxamento; sua imaginação a transportou ao tempo de criança e às matas, ao referir-se a um mergulho interior.

Ao se expressar verbalmente, comenta: *“Parece que eu tinha pegado um espírito [...] estava toda dormente, queria me mover e não conseguia; aquele negócio pesado; parecia que o Anjo da Guarda saiu, e entrou aquele peso [...] fiquei passeando bem relaxada, bem encantada. Quando a gente fica concentrada, adormece o resto do corpo, a cabeça também relaxa, senti um negócio pesado em cima de mim, não estava com vontade de voltar para esse mundo, você chamou e não conseguia, não ouvia bem, só aquele negócio gostoso”.*

Nessa mesma sessão, ao expor sua opinião a respeito do amor, após os comentários finais de uma participante do grupo, disse alto e em bom tom: *“O amor tem*

várias faces, é bom e é ruim, é tudo". Tal definição demonstra o estado de equilíbrio atingido por OAS, configurando que, segundo Harris (2004, p.19) "quando alguém se torna consciente é capaz de permanecer no espaço entre os opostos, capaz de conter e suportar a tensão entre eles".

No décimo encontro, no momento da sensibilização, foi solicitado para observar atentamente a respiração e exercitar essa atenção para torná-la consciente. Após essa etapa, foi sugerida uma brincadeira de roda, na qual o grupo dançou bastante ao som de músicas infantis, agitando o corpo. Quando solicitada a verbalizar, OAS. coloca: *"Eu gostei muito quando foi para resgatar a criança; foi muito bom mexer com as tintas, melar os dedos, melar as mãos, ficar à vontade, fazer um trabalho sem se preocupar ... deixar se levar pelo que estava dentro da gente... por para fora com as mãos, e o bom é que não sabia exatamente o que estava fazendo, e agora ao abrir o papel o trabalho está feito; [...] é bom para clarear os caminhos da nossa jornada do dia a dia... representa muito bem."*

Ao dialogar com a expressão, comentou:



"[...] Ficou parecido ao mesmo tempo com uma borboleta com as asas, voando na floresta... faço o que estou sentindo, aí vem; a mente vai embora e no momento em que pego o lápis, a mão vai embora, [...] já tenho liberdade de vir para a instituição".

Figura 3 – Minha Trilha
Fonte: Oficina Criativa[®] - Sessão 10

Com apenas dez sessões, OAS demonstrou total descontração e soltura, fazendo inclusive brincadeiras com o grupo. Nesse encontro, quase sem tomar fôlego depois da vivência, manifesta sua opinião acerca da expressão em que se deparou com o desconhecido e o inesperado: *"[...] aprendo coisas novas aqui; aprendo a conviver com*

coisas diferentes [...] sabe, a gente acha que não tem nenhum sentido, mas é uma experiência nova que estamos adquirindo para a gente [...] essa imagem é a trilha, minha trilha que vou dançando e no final deu justamente na borboleta voando... dentro de uma pequena coisa dessa você olha e pensa que não significa nada e tem tanta coisa significativa...”.

A imagem da borboleta, à qual OAS se refere, vem confirmar sua transformação. O simbolismo contido neste signo, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002, p.138), “se fundamenta nas suas metamorfoses: a crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser; a borboleta que sai dele é um símbolo de ressurreição”.

Em sua décima segunda sessão, como de costume, OAS permaneceu atenta e totalmente envolvida com a experiência. No trabalho com os *chakras*, exercitou conscientemente a respiração profunda para levar energia a todas as células do corpo, acionar os centros energéticos e transmutar as energias físicas e emocionais em energia interior, dinamizando-a e distribuindo-a as diferentes regiões do corpo. Após o exercício respiratório, seguiu-se um relaxamento profundo, com o objetivo de promover a saúde física, mental, emocional e espiritual.

Quanto à vivência, afirma ter sentido uma energia a partir do coração (*chakra* cardíaco) e entre os olhos (terceiro olho). Segundo a cliente, era uma energia tão boa que a fez flutuar. Mais uma vez, comenta o quanto o trabalho desenvolvido a beneficiara, lembrando o período em que era depressiva e sem vontade de viver.

Como podemos observar, OAS se coloca de forma espontânea e natural no momento da *transposição para linguagem*, conforme demonstra:



“Não senti os outros, só esse roxo; só aqui na cabeça... essa roda é como senti no alto da cabeça... bem grande, girando, foi subindo de baixo para cima da cabeça. Isso aqui... não sei, minha mão fez”

Figura 4 – Flutuando
Fonte: Oficina Criativa® Sessão 12

No simbolismo das cores, comenta que o verde é a cor da esperança, do coração. Sobre a expressão, afirma que vê a imagem de uma pessoa sentada como uma fumaça, uma energia girando e subindo. É interessante observar que a fumaça, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002, p.453),

É a imagem das relações entre a terra e o céu, seja ela fumo dos sacrifícios ou de incenso que leva a Deus as orações e a homenagem dos fiéis, seja como nos rituais chineses antigos – fumo de gordura ou de Artemísia, que chama do céu a alma **huen** para reuni-la à alma **p’o** com vistas à restauração da vida.

A cada sessão, sua atenção, dedicação e empenho aumentam, embora afirme que prefere faltar – quando não está se sentindo verdadeiramente bem – que permanecer no ateliê sem estar inteira.

Conjugado aos movimentos corporais, no décimo quarto encontro, os exercícios respiratórios foram também contemplados. Após a expressão plástica, no momento da *transposição para linguagem*, OAS vai nomeando cada imagem do desenho, referindo-se tanto à sua evolução quanto à expressão.

Afirma que, no momento dos exercícios respiratórios, sentiu “*tipo um menino saindo do ventre [...] aquele ar gostoso; o lado direito do corpo estava pesado, mas o esquerdo estava maneiro, leve; eu senti leve, parecia que estava em uma festa, dançando, [...] aqui no desenho sou eu com o menino no ventre, “[...] o sol bem aceso, como um olho bem aceso dentro da gente; tinha um jardim com água, um rio correndo; aqui é um tambor batendo para a gente dançar na festa; e estou dançando com uma blusa bem solta; aqui é um passarinho cantando, que é perto da floresta; aí eu senti o menino saindo do ventre, aquela coisa gostosa [...] estas duas flores são girassol; o passarinho é aquele branco... que vive na beira do rio... tem pernas grandes... garça, não é?; o pássaro, o sol e o coração estavam batendo, pulsando; eu coloquei verde em mim, aí coloquei vermelho que é o sangue pulsando*”. “*Eu não desenhava nada quando cheguei aqui, só gostava de escrever, agora, depois dessa terapia, sai tanto desenho que eu nem sei como está saindo, só sei que estou fazendo*”.



Figura 5 - Só sei que estou fazendo
Fonte: Oficina Criativa[®] - Sessão 13

Sua linguagem verbal e imagens são ricas em símbolos. Ressaltamos na fala de OAS os simbolismos do sol e do olho:

Em astrologia, “o sol é símbolo de vida, calor, dia, luz, **autoridade**, sexo masculino e de tudo que brilha. [...] Também é símbolo da região do psiquismo instaurado pela influência paterna no papel de instrução, educação, consciência, disciplina, moral”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.839).

O autor cita ainda que, “O olho, órgão de percepção visual, é de modo natural e quase universal, símbolo da percepção intelectual” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 653). “

[...] Para os bambaras, o sentido da visão é o que resume, que substitui todos os outros. O olho, de todos os órgãos dos sentidos, é o único que permite uma percepção com um caráter de integridade. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 656).

OAS faz ocasionalmente observações a respeito das expressões das companheiras de grupo. Desta feita, causa admiração quando comenta: *“Engraçado, prestando atenção, desde os primeiros desenhos ela vem fazendo esse negócio quadrado. Parece uma televisão!”* Continua: *“estou me sentindo assim nessa terapia... não sei se vocês estão sentindo a mesma coisa. Quando cheguei aqui era toda trancadinha, como agora estou me sentindo melhor, então sai coisas que a gente nem percebe que esta refletindo, [...] até lá em casa eu mudei muito, as pessoas comentam, e eu digo que preciso pensar primeiro em mim, mas não digo por que mudei, não falo o que aprendo aqui, pois ninguém vai dar valor, vai criticar, então ela é boa para mim, tenho que guardar para mim”*.

Nesse depoimento, percebe-se claramente seu aprendizado e um entendimento quanto à maturidade das pessoas de sua família.

No momento estabelecido para a avaliação, correspondente ao seu décimo quinto encontro, fala para o grupo que é tempo de cantar e sorrir. Num primeiro momento, solicitou-se que olhassem para as expressões que marcaram sua caminhada, prestando atenção na respiração. OAS se detém diante das expressões que foram mais

significativas: a pintura da Mandala, dos Fios e Formas, a vivência dos *Chakras* e do Desenho Coletivo.

Sua expressão facial é radiante e confirma o quanto está feliz. Explica que na imagem desenhada ela está com um microfone cantando e que a figura humana (ela) agora tinha olhos, orelhas, boca, nariz, sobrancelha e vestido; o que anteriormente faltava. Sorrindo disse: *“Falta o cabelo”*. Afirma que está mais alegre, mais solta, está mais educada, que tem valor, também não vive preocupada o tempo todo, só quando necessário; tem novas ideias, não chora mais e tem confiança em si mesma.

Certamente, o simbólico esteve presente ao longo de todo o trajeto de OAS na Oficina Criativa[®], quando, já no primeiro contato, ela foi incisiva ao dizer – por ocasião da confecção do crachá – que aquela arte ia ajudá-la (e ajudou); a quinta-feira – dia destinado à oficina – é um dia sagrado; dia de compromisso; *“só faltou aos encontros quando realmente não posso vir”*. A expressão plástica fala por si, quando faz seu autorretrato.

Afirma que: *“As estrelas estão brilhando porque nosso grupo está radiante, com alegria, positivo... é o grupo da vitória... isso sinto particularmente... está cada vez melhor. Se fosse fazer uma capa para o livro, hoje, eu colocaria vitória. Eu já subi vários degraus.”*

Finaliza com um depoimento emocionante:



“Estou vivendo outra vida, um espírito novo entrou em mim. Tenho mais humildade, entendo as pessoas, pois antes só eu era a certa; e, como posso educar, se sou a primeira mal-educada? Se não sei me expressar, como vou ensinar alguém a se expressar diante de mim? Isso já mudou muito minha vida. Se fosse escrever um livro, colocaria na capa: Vitória.”

Figura 6 – Vitória
Fonte: Oficina Criativa® - Sessão 14

Esse momento pode sinalizar o despojamento dos velhos trajés de OAS – quando se refere a ‘um novo espírito’, ‘uma nova vida’.

OAS demonstra um crescimento surpreendente. Percebe-se uma serenidade em seu caminhar, uma tranqüilidade em sua fala, uma espontaneidade ao brincar de forma comedida, e impressiona sua entrega tanto no momento da sensibilização como em todas as etapas da Oficina Criativa®.

No último encontro – após trabalhar a respiração abdominal na posição deitada e a consciência deste ato – no momento da *sensibilização*, foi sugerida uma retrospectiva desde o primeiro encontro como fechamento dos trabalhos de final de estágio. O ateliê foi o palco onde o corpo contou e expressou sua caminhada, onde as mãos que deram forma a imagens interiores, transformaram e reciclaram sentimentos que nelas habitavam, foram valorizadas proporcionando uma mudança tanto interior como exterior.

Sugeriu-se planejar e projetar o futuro, pensar em algo que deseje realizar, em vários níveis (físico, mental, emocional, material e também espiritual); informou-se do poder da imaginação para concretizar sonhos e da necessidade de confiar e esperar o tempo certo desses sonhos acontecerem.

Ao falar da vivência, OAS se emociona: *“Hoje me senti assim, justamente quando a pesquisadora falou para deixar entrar a luz e que eu escolhesse a cor da luz. Escolhi a cor vermelha; por incrível que pareça, mudei de verde para vermelho. Quando entrei nessa casa, estava com meus caminhos fechados, estava cheia de problemas, muito triste, não estava sabendo definir eu mesma, imagine o resto; e, hoje, eu sinto as portas da minha casa abertas, tudo claro, tudo colorido, que no centro da casa eu estou; eu sou o centro da minha casa e o centro está branco, porque hoje sinto paz; foi a melhora que consegui aqui, a resposta que tive aqui. O que refiz aqui nessa terapia foi a paz, o caminho aberto. Esse colorido todo que significa é animação, a cabeça boa.”*



[...] “deixei a porta aberta e, no centro, em vez de botar Rua Cajazeira, botei paz e o nome Rosa; o dourado que é o ouro, o vermelho que é paixão e o verde que é esperança; e aqui na cabeceira, vermelho e verde... e o rosa, que não sei porque botei hoje, mas é uma cor de rosa claro que transmite uma coisa boa também”.

Figura 7 - Minha casa
Fonte: Oficina Criativa® - Sessão 15

Afirma em seguida: “*Eu nunca que trabalhei em pintura, fiz um quadro muito bonito, estou orgulhosa. Muito bonito mesmo*”.

É pertinente destacar o simbolismo da casa, da porta e do centro devido à importância da consciência da respiração como o acesso a conteúdos inconscientes e o processo vivenciado por OAS. Nessa etapa final do trabalho, a cliente parece reconhecer a importância de seu espaço sagrado e o seu potencial interior, como cita Bachelard (1961, p.18, apud CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.197): “A casa significa o ser interior”.

Complementando o simbolismo da casa, Chevalier e Gheerbrant (2002, p.196), alegam que “[...] a casa está no centro do mundo, ela é a imagem do universo”.

OAS deixa a porta aberta. Esta porta “simboliza o local de passagem entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 734)

A cliente continua sua verbalização afirmando que “no centro da casa eu estou; eu sou o centro da minha casa e o centro está branco, porque hoje sinto paz”. O significado associado a essa fala indica que “O centro é *antes de mais nada* o **Princípio**, o Real absoluto”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.219).

Os autores acima citados mencionam ainda que são reconhecidas, na psicoterapia, três funções essenciais do **centro** – quer seja arquétipo, totem, mito, conceito ou simplesmente, pulsão bem definida ainda que mal-conceituada:

A primeira é a de sintetizar progressivamente o conteúdo representativo ou psíquico do Imaginário; a segunda é a de agravar a intensidade das ambivalências internas e, conseqüentemente, de dinamizar ideias motoras e inibições; a terceira será a de inclinar para a projeção externa, através da criação ou da ação. (VIRIEL apud CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 221).

No final da sessão, OAS diz que se engana quanto ao dia da comemoração e encerramento dos trabalhos. Expressou com emoção: “Eu me enganei, pensei que hoje

era o final. Preparei com amor e carinho uma surpresa para vocês e peço desculpas pelo que fiz, por não ter combinado com vocês amigas”.

Elogia todas as amigas, dizendo foi na companhia delas e do grupo que se despiu das dores e das tristezas; sendo igualmente nele que redescobriu a alegria, a paz, o amor, vencendo as dificuldades. Chegara o momento de comemorar a harmonia. E finaliza: “Trocamos tudo nesta casinha”.

Resultados

Durante as Oficinas Criativas[®] observamos o comportamento do sujeito, em seu percurso, desde o momento da criação, construção e desenvolvimento do projeto pessoal.

Nesse trajeto analisamos os estados do ser consigo mesmo, com o outro, na relação com os materiais (objeto) e com a tarefa ou produção artística, verificando ainda os aspectos afetivo-cognitivos na qualidade das ações que expressam a trama criadora do inconsciente e que é norteadora no processo de *vir-a-ser*.

Na sequência das sessões, foi observado em OAS o despertar da força interior em direção ao sucesso profissional, sem esquecer o lazer e uma consciência dos movimentos antagônicos da vida. Observamos mudança nas atitudes e também no nível de energia psíquica. No decorrer do processo, demonstra igualmente autoconfiança, segurança ao se expressar, comedimento nas ações e na verbalização e orgulho pela conquista de seus objetivos. De conformidade com as atitudes e depoimentos do sujeito, observamos uma ação decidida e segura ao estabelecer relação com a tarefa, demonstrando compreensão, consciência e lucidez de ação, processando o aprendizado de modo rápido. Sente prazer em viver o processo; sua respiração e voz se tornam pausadas; demonstra calma e paciência na construção de seu projeto.

Arriscamos comentar que a entrega e o envolvimento do sujeito foram tão intensas ao criar e desenvolver novas formas de ser, ampliar os horizontes e de flexibilizar o

pensamento, promovendo articulações na solução de questões do cotidiano, que parecem ter sido instrumentos da ação e da expressão da energia psíquica em seu fazer, em suas ações-reflexões.

Após três meses de conclusão do trabalho, em encontro casual, OAS fala sobre seu novo jeito de viver. Diz estar se relacionando muito bem com os familiares, não sabe o que é depressão, voltou a estudar, pretende fazer faculdade e se formar. Comenta que está saudosa e que gostaria de continuar o trabalho nas oficinas criativas, pois aprendeu muito, acrescentando que está feliz e sua vida se transformou após exercitar a Arteterapia. Verificamos ainda que sua caminhada pela Arteterapia foi num movimento sempre ascendente.

No decorrer do processo, seus posicionamentos revelam seu crescimento: a linguagem se tornou aprimorada e precisa a cada encontro nas surpreendentes colocações, assim como nas reflexões e comentários sobre o significado tanto das expressões das companheiras de grupo quanto das suas próprias expressões.

A convicção demonstrada no primeiro encontro, de que seria curada através daquela “arte”, indicou sua disposição para o processo e, de acordo com nossa compreensão, a dedicação e empenho principalmente nos trabalhos respiratórios, unidos à maturidade, também contribuíram para essa rápida evolução.

Conclusão

Nos oito meses de trabalho em ateliê terapêutico, perfazendo trinta e quatro encontros, OAS compareceu a apenas dezoito. Conforme relatos, podemos perceber a rápida evolução de seu processo de crescimento apesar da reduzida frequência.

Ao concluir o caso estudado na presente pesquisa, o relato de experiências aqui expostas comprova a importância das imagens como representações simbólicas de

conteúdos que habitam o inconsciente e, ao materializá-las, contemplá-las e dialogar com essas imagens, uma história é desvendada e (re) significada.

Data de recebimento: 18 de Junho de 2010.
Data da primeira revisão: 23 de Agosto de 2010.
Data de aceite: 28 de Setembro de 2010.

Referências

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Análise Microgenética da Oficina Criativa**: projeto de modelagem em argila. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Coleção Arteterapia, v. 7. 360p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002. 996p.

FABIETTI, Deolinda M. C. F. **Arteterapia e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Coleção Arteterapia. 97p.

FIORAVANTI, Celina. **Mandalas**: como usar a energia dos desenhos sagrados. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 152p.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung o Homem Criativo**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003. 238p.

HARRIS, Judite. **Jung e o Yoga**: a ligação corpo mente. São Paulo: Claridade, 2004. 184p.

PAÏN, Sara. **Teoria e Técnica da Arte-terapia**: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artmed, 1996. Tradução Rosana Severino Di Leone. 264p.

PHILIPPINI, Angela. **Cartografias da Coragem**: rotas em arte. 2. ed. Rio de Janeiro: Pomar, 2001. 85p.

Artigo Original

ARTETERAPIA E A MULHER: RESGATE DO POTENCIAL CRIATIVO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXUAL

ART THERAPY AND THE WOMAN: REGAINING THE CREATIVE POTENTIAL IN WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC AND SEXUAL VIOLENCE

Melina Del' Arco de Oliveira¹⁵

Resumo

A violência contra mulheres é um desafio em debate há anos no âmbito de pesquisa nacional e internacional pois devasta física e emocionalmente muitas mulheres. O objetivo deste trabalho foi realizar uma intervenção grupal em Arteterapia com mulheres vitimizadas, visando ao resgate do potencial criativo com ampliação da percepção subjetiva sobre si e sobre a violência vivida. As participantes são vítimas de violência física, psicológica ou sexual provenientes de um Hospital Geral e seguimentos. Foram realizados 28 encontros semanais, cujas técnicas expressivas seguiram o Continuum das Terapias Expressivas (ETC), conforme a metodologia *Oficina Criativa®*. Essa pesquisa-intervenção de base qualitativa desenvolveu uma *análise compreensiva* das produções de uma participante (Estudo de Caso) à luz da Psicologia Analítica. Observou-se que o abuso/violência são geradores de um importante complexo estagnador da energia psíquica da mulher. O resgate do potencial criativo iniciou-se a partir de dois pólos: função *Eros* integradora (criativa) e função discriminadora de *Logos*. Estabeleceu-se uma nova relação entre a mulher vitimizada com seu masculino interno. Ao final do processo percebeu-se maior integração a partir de percepções novas, permitindo à mulher maior abertura ao contato com o outro e consigo mesma.

Palavras-chave: Arteterapia; Violência contra mulher; Psicologia Analítica.

¹⁵ Psicóloga graduada pela USP-RP, Arteterapeuta pós-graduada pelo Alquimy Art e pós-graduada em História da Arte pela FAAP-RP. A atuação profissional é no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP-Ribeirão Preto no Serviço de Atendimento à Violência Doméstica e Agressão Sexual (SEAVIDAS), atuando também em consultório particular. Endereço: Florêncio de Abreu, 681 – 4º andar – Sala 410. Telefone: (016) 3013-3442/ (016) 9119-6628. E-mail melinadelarco@gmail.com.

Abstract

Violence against women has been a challenge scientifically debated for years in national and international scopes. It devastates many women both physically and emotionally. The aim was to regain the creative potential of victimized women through the broadening of the subjective perception about themselves and violence. The participants are victims of physical, psychological or sexual violence of a General Hospital. The group was held weekly, totaling 28 meetings. The expressive techniques were applied according to the Expressive Therapies Continuum, based on *Oficina Criativa™* methodology. The data analysis of the qualitatively intervention-research was done through the comprehensive analysis of the artistic production of a single participant (Case Study), under the Analytical Psychology approach. The abuse/violence generates an important stagnation complex of the woman's psychic energy. The regaining of the creative potential was initiated through two poles: *Eros* integration function (creative) and *Logos* discriminatory function. The beginning of a new relationship between the woman and her internal masculine was provided. At the end of the process it was noticed a better integration, through new perceptions, which allowed the woman a wider openness to the contact with the other and with herself.

Key-words: Art Therapy; Violence against woman; Analytical Psychology

Compreender o fenômeno da violência doméstica e sexual contra mulheres é um desafio em debate há anos no âmbito de pesquisa nacional e internacional pois seus números são expressivos e suas consequências têm devastado física e emocionalmente muitas mulheres.

Na região de Ribeirão Preto, um estudo de prevalência realizado com 265 mulheres usuárias de serviço de saúde constatou que 41,5% das mulheres sofreram ao

menos uma vez na vida violência psicológica, 26,4% sofreram violência física e 9,8% sofreram violência sexual, sendo que 45,3% referiram ocorrência de qualquer um dos tipos de violência (MARINHEIRO; VIEIRA; SOUZA, 2006).

A magnitude da violência contra mulher também se expressa a partir de importantes consequências para a saúde física e mental, bem como em múltiplas incapacidades sociais. As repercussões na saúde mental da mulher são principalmente a depressão, ansiedade, uso abusivo de álcool e outras drogas e tentativas de suicídio. Em relação à saúde física, as consequências se expressam em fraturas, hematomas, doenças sexualmente transmissíveis, sangramentos, abortos, insônia, desmaios, diarreias, asma, entre outras somatizações (HOLTZ, 1996 apud SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2003).

A violência praticada contra as mulheres, atualmente, é estudada sob o signo de *Violência de Gênero*, na qual a mulher se constitui socialmente enquanto um ser subordinado (HEISE; ELLSERBERG; GOTTEMOELLER, 1999). As principais agressões são *físicas* (tapas, empurrões, queimaduras, tentativas de homicídio), *sexuais* (toques indesejados, assédio sexual, estupro, exibicionismo, voyeurismo) *psicológicas* (humilhações, privação de liberdade, impedimento ao trabalho ou estudo, ameaças de agressão) e *econômicas* (roubo, destruição de bens pessoais ou conjugais, recusa a pagar pensão alimentícia) (HEISE; ELLSERBERG; GOTTEMOELLER, 1999).

León (2001) afirma que os conceitos de gênero e empoderamento têm marcado a produção da teoria feminista. Ela afirma que no campo dos estudos de gênero, o empoderamento feminino é a ferramenta que poderá possibilitar à mulher se apropriar de seus direitos (porque também os conhece bem) e assim conseguir lutar por sua autonomia. A noção de poder inscrita no conceito de empoderamento seria “a capacidade de transformar a consciência própria e reinterpretar a realidade em que nos movemos” (LEÓN, 2001, p. 102).

A reinterpretação da realidade é fundamental para minar o processo de violência porque a mulher vitimizada diante do sofrimento apresenta grandes dificuldades em visualizar resoluções para o problema ou para lidar emocionalmente com ele, pois “o que torna uma situação traumática é um fator psicológico interno, são as fantasias envolvidas e relacionadas com tal evento” (SILVA; MARTINS, 2008, p. 58).

Espera-se que as contribuições da Arteterapia venham enriquecer a concepção do lidar com a violência doméstica e sexual por meio do enfoque terapêutico e das mediações artísticas. Ainda que na literatura existam escassos diálogos entre a Arteterapia e a mulher vitimizada, as Normas Técnicas de Uniformização dos Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CRAMS) consideram a arteterapia como parte das atividades de diagnóstico aprofundado e atendimento à mulher (BRASIL, 2006) e este é um importante passo para integração desta atividade aos serviços de atendimento, independente de serem CRAMS.

A Arteterapia é um processo em que se utilizam diversos recursos artísticos com uma finalidade terapêutica e a Arteterapia fundamentada na Psicologia Analítica de Jung se farta dos recursos expressivos com o objetivo de permitir a expressão e comunicação de símbolos da energia psíquica, para que posteriormente sejam ampliados e integrados à consciência (PHILLIPINI, 2004).

O Símbolo seria a expressão de algo ainda não conhecido, inferido ou definido em palavras; é uma linguagem metafórica do inconsciente que apresenta os enigmas psíquicos. A imagem simbólica é um retrato da situação psíquica que engloba tanto os aspectos conscientes e inconscientes da personalidade pois o símbolo “é um sinal visível de uma realidade invisível” (KAST, 1994, p. 19).

Em Arteterapia com base na Psicologia Analítica pode se trabalhar com a *Amplificação* do símbolo. A *amplificação simbólica* objetiva permitir ao paciente ampliar a compreensão do significado de um símbolo por meio da utilização de modalidades

expressivas diversas: uma imagem expressa em um plano dimensional (desenho) pode ser transposta para um plano tridimensional (modelagem). A *amplificação* também pode acontecer ao aprofundar-se em uma mesma técnica expressiva (PHILIPPINI, 2004).

Nesse sentido, Jung (1971a) desenvolveu o conceito de uma função psíquica essencial ao processo de individuação relacionado à mediação estabelecida entre a consciência e o inconsciente, denominando-a como *Função Transcendente*. Esta função poderia estabelecer uma relação mais harmoniosa entre consciente/inconsciente permitindo a sua comunicação e síntese, possibilitando ao sujeito a tomada de novas atitudes e percepções; mas ele afirma que algumas pessoas podem apresentar dificuldades quanto à emergência e verbalização dos conteúdos e propõe que o processo seja facilitado por meio de recursos plásticos (JUNG, 1971b).

Jung (1971b), ao discorrer sobre a relação da psicologia analítica com a obra de arte poética, se propõe a falar sobre as bases do **processo criador**. Este autor (1976) também aborda o conceito de processo criativo a partir da *Função Eros*. Esta função constitutivamente é o princípio necessário para o estabelecimento de qualquer relação, sobretudo o relacionamento psíquico íntimo e para o estabelecimento da comunicação entre as instâncias de nossa própria psique. Consequentemente, *Eros* nos impulsiona ao relacionar-se verdadeiramente com o outro e com nós mesmos. Segundo Jung (1976), a *função Eros* pode iniciar processos de transformações psíquicas verdadeiras porque integra perfeitamente a inteligência e o afeto.

Em contrapartida, Jung defende que a criação é tanto destruição como construção e Hillman (1984) aprofunda este tema explicitando que o processo criativo é um processo inerente à alma e assim deve abarcar tanto os aspectos do “fazer alma” quanto os aspectos que “destroem a alma”. Quando o aspecto destrutivo da psique não é integrado ao processo terapêutico ele atua inconscientemente e a destrutividade é interpretada como algo que vem de fora e não encontra acolhimento, atuando alheia à consciência do

paciente e do terapeuta. Abarcar o todo significa aqui abarcar também o vazio, o demoníaco e o inibidor sob o aspecto do *daimon*: “a inibição e indireção pertencem a Eros, tanto quanto a destruição à criatividade” (HILLMAN, 1984, p. 71).

A alusão ao criativo em Hillman (1984) não é centrado no potencial criativo que diz respeito unicamente ao artístico; ele diz de uma das formas de manifestação do criativo que é a *criatividade psicológica*. Ele fala de *Eros* como aquele aspecto intermediário criador de um espaço próprio que engendra novos acontecimentos no mundo psíquico a partir da criação de uma realidade cheia de possibilidades imaginativas e estéticas.

No tocante ao complementar da *função Eros*, temos a *função Logos* que prima pelo conhecimento a partir da lógica e da discriminação e “implica interesse ativo, assertivo, intelectual, penetrante, objetivo” (SAMUELS, 1989, p. 251). Jung refere esses dois princípios do funcionamento psicológico como princípio feminino de *Eros* e princípio masculino de *Logos*, podendo atuar tanto em homens como em mulheres de modo que o equilíbrio entre esses dois princípios regulam o sentido que o indivíduo tem de si mesmo (SAMUELS, 1989).

Entretanto, Jung percebeu que a constituição psíquica de homens e mulheres tinha algo arquetipicamente pré-determinado e a partir de então desenvolveu os conceitos de *Anima e Animus*. *Animus* seria a contraparte masculina inconsciente presente na vivência íntima e subjetiva de cada mulher e *anima* seria a contraparte feminina inconsciente presente na psique de cada homem. Jung afirma: “uso os termos ‘Eros’ e ‘Logos’ meramente como meios nocionais que auxiliam a descrever o fato de que o consciente da mulher é caracterizado mais pela vinculação ao Eros do que pelo caráter diferenciador e cognitivo de Logos” (1982, p. 28).

Estes conceitos são bastante profundos e ainda carregam algumas controvérsias no tocante à correspondência diferenciada em gêneros masculino e feminino (SAMUELS, 1989; MURRAY, 2000), mas o que impera é que *animus/anima* são uma espécie de

psicopompo, um mensageiro que vincula o ego às camadas mais profundas do inconsciente, aproximando o indivíduo da grande experiência do si-mesmo (MURRAY, 2000).

A expressão positiva do *animus* é fundamental para que a mulher possa desenvolver a capacidade de discernimento, clareza, objetividade de pensamento e sentido de realização: “há um relacionamento funcional entre a mulher e o *animus* – ele a liberta – através da palavra, da força, da façanha do significado. Ele age como um impulso vivificador e ajuda-a a focalizar aquilo que quer e o modo de obter isso” (KOLTUV, 1990, p. 83). Jung, E. (1967) aprofundou os estudos sobre o *animus* representando-o como a força (dirigida), o ato, o verbo e o sentido, sucessivamente.

Além disso, *animus* e *anima* são arquétipos, mas podem se expressar autonomicamente, sobretudo quando atuam como um **Complexo**. A forma como a mulher lida com o seu *animus* pode se expressar negativamente e se apresentar como uma vivência complexada. Segundo Jung um “complexo afetivo é a imagem emocional e viva de uma situação psíquica fixa, incompatível com a atitude e a atmosfera conscientes habituais, e dotada de forte coesão interior, de uma espécie de totalidade própria e com um grau relativamente elevado de autonomia” (1975, p. 225).

Padrões de relacionamento infantil ou eventos da vida carregados de afeto devido a confrontos dolorosos podem se converter em *complexo*, como por exemplo, situações de violência. Assim, outros eventos da vida posterior podem ser vivenciados emocionalmente à luz do complexo constelado causando muita dor e gerando comportamentos estereotipados ou mecanismos de defesa enrijecidos pois o complexo se mantém no inconsciente e distorce a percepção da realidade. Dessa forma, o complexo negativo consome muita energia e vitalidade que poderia ser investido no próprio *eu* (KAST, 1997).

Jung, E. (1967) refere que o negativismo desta vivência complexada em relação ao *animus* pode se expressar na mulher a partir de sintomas como medo, insônia e nervosismo, dores de cabeça e problemas respiratórios, entre outros, como expressos por Koltuv: “sentir-se presa ou possuída, ou encontrar-se numa espiral furiosa, ou sentir-se terrivelmente vitimada, ou deprimida, perder o interesse pela vida, ter dor ou pressão, não conseguir respirar, sentir rigidez, dor ou tensão nas costas, no pescoço, nos ombros e na cabeça” (1990, p. 68).

Desta forma, o relacionamento com o masculino interno é fundamental para que a mulher vivencie a plenitude em seu desenvolvimento humano.

Objetivos

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma série de oficinas arteterapêuticas com a proposta de acolher mulheres vítimas de violência doméstica e sexual visando o resgate do potencial criativo das mulheres com a ampliação da percepção sobre si e sobre a violência vivida.

Percurso Metodológico

As cinco participantes deste estudo são mulheres vítimas de violência física, psicológica ou sexual. Duas participantes estavam sofrendo violência física (agressões corporais, socos, chutes) e psicológica (ameaças de morte e perseguição em caso de separação) por parte do parceiro íntimo e outras duas participantes haviam sofrido essas mesmas violências, mas não conviviam com os parceiros devido ao afastamento judicial e falecimento. Outra participante além de sofrer violência física, sofrera violência sexual, mas já havia se separado. Duas participantes referiram importante sofrimento mental configurado em um quadro de depressão e transtorno bipolar.

Elas apresentavam faixa etária entre 22 a 45 anos e procediam de um Hospital Geral, de uma Delegacia de Defesa da Mulher e de um Centro de Saúde Escola,

conforme parecer favorável (processo nº 6795/2009) do Comitê de Ética do Hospital para realização desta pesquisa e sob o consentimento das participantes.

Material e Métodos

Os materiais utilizados neste projeto foram de natureza expressiva. As **técnicas expressivas** proporcionaram recursos que permitiram às participantes se expressarem por meio de materiais plásticos tais como papel sulfite, papel cartão, lápis de cor, tinta, massa de modelar, cola, tecidos, linhas, entre outros.

As técnicas expressivas foram aplicadas conforme o “Continuum das Terapias Expressivas” (ETC - Expressive Therapy Continuum) (LUSEBRINK, 1990) que considera a formação da imagem e o processamento de informações em quatro níveis. Os três primeiros níveis, numa perspectiva desenvolvimentista, abarcam o nível sensório/motor (K/S) que acessa a sensação tátil ou outra sensação emergente da interação com o meio artístico, enquanto o perceptual/afetivo (P/A) atribui forma e define limites a partir da expressão, criando ordem. O nível cognitivo/simbólico (C/S) forma conceitos, atribui relações espaciais e verbalizações e o quarto nível, denominado Criativo (CR) perpassa todos os outros níveis, mas também pode se constituir como um nível particularizado (LUSEBRINK, 1990).

Procedimentos da Intervenção Arteterapêutica

As oficinas arteterapêuticas foram oferecidas semanalmente com duas horas de duração, sendo que o desenvolvimento das oficinas seguiu um modelo proposto por Allessandrini (1996), denominado *Oficina Criativa®* que também utiliza o ETC enquanto modelo conceitual de referência para o trabalho.

Procedimentos de Análise dos Dados

A análise de dados desta pesquisa-intervenção de base qualitativa foi feita a partir da *análise compreensiva* da produção artística de uma participante (estudo de caso) sob o referencial da Psicologia Analítica. Selecionaram-se do grupo original, fragmentos relevantes para apresentar aspectos que corroboram com a base teórica trabalhada.

Resultados e Discussão

As 28 oficinas desenvolvidas foram elaboradas conforme metodologia proposta e em função das *imagens simbólicas* (cheias de significados) produzidas a cada encontro, bem como *aspectos psíquicos* (emocionais e verbais) emergentes em função de determinado recurso/técnica utilizado.

Durante o processo duas participantes abandonaram o grupo, sendo que uma delas apresentava importantes sintomas depressivos e fora encaminhada para o acompanhamento psiquiátrico após o desligamento do grupo.

Estudo de Caso

O processo arteterapêutico será apresentado por meio do percurso vivencial de Rose (nome fictício). Esta mulher de 45 anos sofrera abuso sexual na infância e há cerca de cinco anos, meses após a separação, descobrira que o ex-marido abusava sexualmente de seus filhos – uma menina de 6 anos e um garoto de 10 anos (idade atual), o que reforçou a vivência do abuso. Ela casou-se três vezes, sofrendo violência física frequente visto que dois de seus parceiros era alcoolistas. Rose tem 6 filhos, mora sozinha e atua profissionalmente como cabeleireira.

Rose apresentou uma resistência inicial ao grupo trazendo sentimentos persecutórios e medo - indicadores de sofrimento psíquico e dificuldades no estabelecimento de um vínculo de confiança básica. É possível perceber que o acolhimento das outras participantes foi muito importante para sua adesão, inclusive porque à medida que as mulheres relatavam a situação de violência vivida, percebiam

que não eram as únicas a vivenciar esse sofrimento caladas e que ali poderiam se apoiar mutuamente.

As intervenções das próprias participantes foram intervenções bastante empáticas de quem sabe acolher a dor do outro porque reconhece claramente aquela dor. Percebeu-se também que a metodologia da intervenção em Arteterapia foi facilitadora da adesão das participantes ao proporcionar outras formas de expressão além da verbal.

No início do processo trabalhou-se com a *Imaginação Ativa* porque a participação do ego neste recurso sugere que as escolhas das imagens sejam feitas parcialmente de forma inconsciente, de modo que os dinamismos conscientes e inconscientes caminham juntos: “na *Imaginação Ativa* acontece uma resposta direta do inconsciente à participação consciente do ego”. (WEAVER, 1996, p. 16). O acesso ao nível simbólico aconteceu por meio da personificação de uma figura interior.

Na *Imaginação Ativa*, Rose visualizou uma mulher/maga e disse: “eu encontrei a maga e ela era parecida comigo, também tinha os cabelos curtos. Ela me deu um pacote que tinha um xale muito bonito, eu adorei o xale e já saí com ele. Vou sair daqui hoje e comprar um xale”. A participante relatou posteriormente que comprou o xale e nos momentos de forte angústia passou a se acolher com o próprio xale.

A fim de aprofundar este processo, pensou-se em dar corpo a essas imagens por meio da *Amplificação Simbólica* com a *Modelagem*, transpondo essas imagens do imaginário para a realidade palpável (figuras 1, 2 e 3). Este recurso pareceu ser adequado para essa finalidade porque é criado um objeto tridimensional que atua como testemunho da vivência e das mensagens do inconsciente (BOZZA, 2000).



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Esta etapa do processo foi lenta e se deu por meio de várias oficinas nas quais as participantes apresentaram grande motivação e envolvimento. Ao final Rose disse que aquela mulher era um Eu dela mais divino, mais superior, e que estava com ela: “cada vez mais eu sinto que ela sou eu, está dentro de mim”. Isso elucida o fato dela ter confeccionado a maga com o xale; é como se ela tivesse confeccionado a si mesma.

Diante da imagem Rose se espanta e diz: “como que pode! Isso foi uma criação minha, veio de mim mesma... Eu fiz cinco anos de terapia e nunca consegui me ver dessa forma”. Ela sorri e diz que hoje via aquela maga como uma parte sua maior e mais divina. Rose estabeleceu com sua maga uma relação bastante criativa e íntima. Foi possível perceber que a expressão verbal que inicialmente vinha imbuída de dor e sofrimento pela violência vivida foi complementada por outras expressões de contentamento, surpresa e descoberta de novas possibilidades, inclusive pelas outras participantes.

Em seguida, foi proposta junto ao grupo uma vivência-ritual a fim de proporcionar a integração das experiências vivenciadas no grupo até então. Foi dito o seguinte às participantes: *a maga está convidando você para que possa escrever uma carta a ela, contando suas intenções, desejos e o que mais quiser lhe contar. A carta não será lida por ninguém... Escreva o que ela representa para você.*

Rose se reportou à constância do abuso em sua vida referindo que a fonte da dor não seria mais o abuso sexual e sim o que restou dele porque durante sua vida sempre esteve atenta e vigiou a possibilidade do abuso acontecer novamente, sendo que aconteceu aos seus filhos - fato que parece ter desencadeado importantes traços paranóides. Pode-se dizer que estes resquícios aludem ao abuso de se sentir invadida (psiquicamente) por medos e por sentimentos de estar em constante risco em função de uma vivência complexada em relação ao *animus*.

A fim de acolher esta demanda e visto que os aspectos destrutivos também devem ser acolhidos, estimulou-se que as mulheres se implicassem com a violência sofrida e pudessem se perceber melhor neste processo. Foi proposto nas oficinas sequenciais o trabalho com os *Contos de Fadas: O Barba Azul* de Charles Perrault e *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti.

Na perspectiva junguiana os contos perpetuaram-se no tempo por desempenharem uma função psíquica muito importante relacionada ao processo de individuação, no qual o herói é o agente do processo. Todo conto de fadas traz a saga de um herói, seus desafios e suas superações. O herói é o restaurador de uma situação sadia, ele representa o modelo do ego que está trabalhando a serviço do *Self* (a totalidade do eu) (VON FRANZ, 1990).

Segundo Estés (1992) o Barba Azul (aquele que mata as esposas curiosas e desejosas de abrir a porta proibida) é uma figura interna que representa um “predador natural da psique” de cada um. A autora propõe a interpretação desse conto em função do assassinato simbólico da criatividade feminina. Esse tema pareceu adequado ao trabalho com mulheres vítimas de violência doméstica e sexual porque o agressor-predador pode ser também a própria força interna inconsciente que busca e encontra o predador externo. No entanto, o encontro com o predador real também pode potencializar o predador interno.

Estés (1992, p. 70) afirma que “embora possa ser o parceiro físico da mulher quem a prejudique e arrase sua vida, o predador inato dentro da sua própria psique concorda com isso”. Tem-se a atuação de um *animus* tirano, invasivo e violento. Muitas projeções são direcionadas ao externo (ao parceiro) isentando o ego de assumir a parcela daquele masculino agressor que está dentro de si. Isso vai ao encontro da trama simbólica apresentada por Marina Colasanti, na qual é a Moça Tecelã quem tece o próprio marido - aquele que a aprisiona e encarcera sua criatividade.

Dessa forma, foi sendo desenvolvido um trabalho com os personagens dos contos e os aspectos dos personagens que diziam respeito às participantes, principalmente em relação à heroína e ao Barba Azul. Foi interessante observar que algumas participantes alertavam as outras sobre comportamentos e atitudes a serem tomadas para o reconhecimento da violência, sobretudo em relação aos vários Barba Azul que existem por aí. Uma participante disse que sendo a mulher do Barba Azul jamais teria aberto a porta e descoberto que ele era um assassino de mulheres (a porta proibida é associada à consciência). Rose alertou essa participante sobre sua inocência e sobre o risco que se expõe ao não querer saber de fato quem é o seu marido.

Outras questões também foram debatidas no tocante ao *ciclo da violência* e o comportamento sedutor do parceiro – foram relatadas ocasiões em que seus maridos/ex-maridos explodiam em descontrole e agressão mostrando em seguida o arrependimento, proferindo promessas enganosas de amor e mudança de comportamento.

Por fim, foi sugerida a representação do Barba Azul que habitava cada mulher visto que o objetivo também era implicá-la na própria violência.

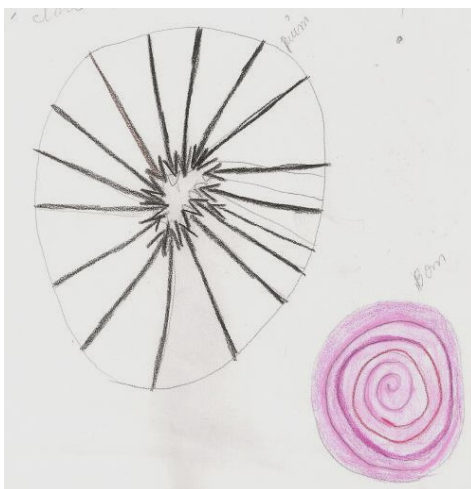


Figura 5

Rose expressou-se graficamente (figura 5) e escreveu: “Tá uma confusão, pensamentos vazios, dor como aperto, parece que eu não sou capaz... espaço novo a ser criado. Mais diante do novo eu entro em pânico... pensei que poderia falar e depois me expressar e é como se eu estivesse perdida sem saber como agir, então orei. Quando eu me perco ou me roubo, nada é claro, é muito confuso”.

Ela refere ter feito o desenho em preto para simbolizar que sua cabeça vai apertando, apertando quando sente confusão, medo, tensão, etc. E quando se sente assim começa a rezar bastante, representando tal fato com o círculo menor em tons de lilás, nomeado como bom.

As flechas pretas exercem uma força centrípeta e sugerem intensa pressão podendo ser associada a uma grande energia que se constela no centro da esfera e dali não tem para onde escoar. Essa imagem pode representar a vivência do masculino interno como agressivo e opressor, enquanto a imagem menor feita em lilás alude ao feminino mais agradável e curativo onde a energia poderia fluir, mas, no entanto ainda é incipiente.

Pode-se dizer que mediante o masculino agressivo/abusador o aspecto feminino enquanto função *Eros* e o impulso criativo expressam um diálogo mais empobrecido com

a psique mediante a atuação de um complexo autônomo relacionado a um *animus tirano* que aprisiona a mulher.

É possível perceber a atuação deste *animus* nos relatos de outras duas participantes que falaram sobre tensões, rigidez muscular e cefaléias constantemente sentidas mesmo após o término da violência. Isso pode ser corroborado por Koltuv (1990), que além destes, apresenta outros sintomas como dores no peito e dificuldades respiratórias.

A presença opressora também pode ser identificada pela baixa-estima dessas mulheres e dificuldade de confiar em si mesmas, além da recorrência de sentimentos de solidão, conforme relatado por elas. A vivência do abuso/violência parece engendrar um importante complexo gerador da reiteração da violência, estagnando a energia psíquica da mulher e impedindo-a de vivenciar relações de confiança e amor, conforme referido por algumas participantes.

Ao final do processo arteterapêutico, por meio de uma *Amplificação Simbólica*, foi proposto às mulheres tecer fio-a-fio as intenções endereçadas anteriormente à Maga, como se elas fossem *Moças Tecelãs* diante da oportunidade de tecer novos destinos para suas vidas (figuras 6, 7 e 8).



Figuras 6



Figura 7



Figura 8

Durante esta atividade, desdobrada em uma série de oficinas, as mulheres relaxaram e se soltaram bastante enquanto bordavam com linhas, miçangas coloridas,

feltro, fitas, etc. O vínculo umas com as outras e, sobretudo, com a pesquisadora foi aprofundado de modo que elas puderam compartilhar momentos pessoais, dúvidas, descobertas, se mostrando, assim, mais abertas ao contato.

Ao final do processo e a partir de uma situação pessoal dolorosa vivenciada, Rose disse que conseguiu ir até o fundo da sua dor e olhar para ela; diz que sentiu a dor do abandono possuindo-a inteiramente, mas tentou conversar com essa dor, e em meio a certo torpor teve vagas memórias de que a pessoa que a abusava ia visitá-la quando estava sozinha, e então, ao passo em que era abusada não se sentia abandonada, estava com alguém ainda que o abuso acontecesse. Ela diz que a dor maior não era a do abuso, era a do abandono, de quando a pessoa ia embora. Ela disse que chegar a estas conclusões foi muito importante pois percebeu que durante toda sua vida preferiu manter relacionamentos dolorosos e violentos à ver-se sozinha e não queria mais isso para si. Estas compreensões parecem estar associadas à apropriação da função *Logos*.

Pode-se dizer que durante o processo arteterapêutico a atuação do *Eros* foi favorecida pelo recurso expressivo que a todo o momento chamava a mulher a estabelecer uma relação consigo mesma, ora por meio da maga, ora pela esposa do Barba Azul, pela moça tecelã e pelo próprio Barba Azul. Essas figuras internas atuaram como mediadores no qual as mulheres puderam entrar em contato com forças de cura e aspectos de grande vulnerabilidade como a relação estabelecida com o masculino interno (*animus*). Discriminar e organizar essas forças e observar o impacto delas na vida cotidiana e na percepção da realidade foi um modo de estimular a função *Logos* no processo.

Considerações Finais

Conclui-se que a utilização de recursos expressivos num *setting* terapêutico é um caminho facilitador da atuação de *Eros* (aspecto criativo) porque uma região intermediária

é criada entre o psiquismo e a materialidade da expressão ao passo que essa região fornece intermédio para a comunicação entre as diferentes instâncias psíquicas.

A Arteterapia se mostrou como um recurso efetivo em vários aspectos porque a mulher pôde se perceber como sujeito criativo, capaz de criar algo com suas próprias mãos, sendo que as expressões verbais de sofrimento relacionadas à violência se complementaram com outras expressões que revelaram o contentamento por descobrirem essas nossas possibilidades de criação em si mesmas. Além de criar algo com suas próprias mãos, essa materialidade emprestou às mulheres uma maior capacidade de discernimento e clareza.

O fato do trabalho se realizar em grupo trouxe um importante fator terapêutico que é a troca, a empatia e o aprender com o outro: as intervenções das próprias participantes ao passo que foram empáticas e acolhedoras, se mostraram assertivas, alertando a comportamentos e atitudes de risco frente à situação de violência.

O medo de ser assombrada pelo predador que se generaliza para situações cotidianas da vida é também representado pela dificuldade em estabelecer relações de confiança e amor após o término da situação de violência. Tem-se atuação de um importante complexo relacionado ao *animus* negativo que esgota a mulher e empobrece o impulso criativo de *Eros* na psique, prejudicando inclusive os processos de discriminação e percepção da realidade, enquanto atributo de *Logos*.

O resgate do potencial criativo falava do resgate de algo que foi prematuramente vivenciado ou que nem sequer foi vivenciado e que diz respeito ao resgate de *Eros* e *Logos*. Pode-se perceber ao final do trabalho a criação de uma nova relação entre a mulher vitimizada e seu masculino interno: um feminino antes cativo ao masculino interno poderia ser liberto a partir dos novos meios de se relacionar engendrados pela *função Eros*, permitindo à mulher maior abertura ao contato com o outro e consigo mesma.

A Arteterapia grupal neste âmbito pode ser considerada uma importante tecnologia em saúde para lidar com esta problemática enquanto recurso de tratamento porque ela favorece a criação de um setting suave e protetor para abordar a violência enquanto um tema ríspido e ameaçador. O setting pode atuar como um *temenos*, do grego: lugar sagrado e protegido, no qual as mulheres podem dialogar intimamente com suas figuras internas, potenciais criativos e feridas da vitimização de modo que o centro da consciência – o ego – é protegido.

É muito importante pensar no cuidado a esse centro dado a grande fragilidade egóica resultante e atuante em processos de vitimização. Uma vez que a linguagem verbal é mais próxima ao ego-consciente e pode ser sentida como mais ameaçadora, o trabalho com imagens simbólicas e recursos expressivos pode suavizar o processo de ampliar a percepção sobre si de modo que o ego caminha junto ao inconsciente.

Por fim, é importante dizer: ainda que se extinga a situação de violência física, psíquica ou sexual, os esforços devem ser empreendidos em termos do acompanhamento psíquico destas mulheres, sobretudo em função da degradação de sua saúde mental.

Data de recebimento: 14 de Julho de 2010.

Data da primeira revisão: 12 de Setembro de 2010.

Data de aceite: 29 de Setembro de 2010.

Referências

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BOZZA, M.G. G. Argila: Espelho da Auto-Expressão. **Arte-Terapia: Reflexões**, v. 4, n. 3, 2000.

BRASIL, Presidência da República. **Norma Técnica de Uniformização – Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência**. Brasília, 2006.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- HILLMAN, J. **O Mito da Análise**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1984.
- HEISE L., ELLSBERG M., GOTTEMOELLER M. Ending violence against the women. **Popul Rep L**. n. 11, p. 1-43, 1999.
- JUNG, C. G. **Mysterium coniunctionis**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 1971a.
- _____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis: Vozes, 1971b.
- _____. **O Homem à Descoberta da sua Alma**. Porto: Tavares Martins, 1975
- _____. **Aion – Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, vol.2, 1982.
- JUNG, E. **Animus e Anima**. São Paulo, Cultrix, 1967.
- KAST, V. **A dinâmica dos símbolos - Fundamentos da psicoterapia junguiana**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- KOLTUV, B. B. **A Tecelã – Ensaio sobre a Psicologia Feminina extraídos dos Diários de uma Analista Junguiana**. São Paulo, Cultrix, 1990.
- LÉON, M. El Empoderamento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. **La Ventana**, n. 13, p. 94-106, 2001.
- LUSEBRINK, Vija. **Imagery and Visual Expression in Therapy**. New York and London: Plenum Press, 1990.
- MARINHEIRO, A. L. V.; VIEIRA, E. M.; SOUZA, L. Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviço de saúde. **Revista Saúde Pública**. v. 40, n.4, p. 604-10, 2006.
- MURRAY, S. **Jung: O Mapa da Alma**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- PHILLIPINI, A. **Cartografias da Coragem: Rotas em Arte Terapia**. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, 2004.
- SAMUELS, A. **Jung e os Pós-Junguianos**. Rio de Janeiro: imago, 1989.
- SILVA, J. G.; MARTINS, P. S. Atendimento a grupo de crianças vítimas de violência. In **Jung e Corpo**, v. 8, n. 8, 2008.
- SCHRAIBER, L. B.; D' OLIVEIRA, Ana Flávia P. D. **O que devem saber os profissionais de saúde para promover os direitos e a saúde das mulheres em situação de violência doméstica**. Disponível em:
- http://www.redesaude.org.br/BCOTXT/cartilha_violencia.pdf, 2003. Acesso em: 10 fev. de 2010
- VON FRANZ, M-L. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus, 1990.
- WEAVER, R. **A Velha Sábia – Estudo sobre a Imaginação Ativa**. São Paulo: Paulus, 1996.

Resumo de Monografia

GARCIA, Josefa da Cunha Carvalho¹⁶. **A Arte como elemento de contato nos procedimentos paliativos aplicados na Psico-oncopediatria.** Monografia (Especialização em Arteterapia). Taboão da Serra: INPG/FTS – Alquimy Art.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa não-experimentalista, onde há uma relação, uma interdependência e um vínculo, estabelecidos entre o contexto (mundo), o arteterapeuta (sujeito) e o cliente (objeto), levando em conta o objetivo e o subjetivo, numa atemporalidade em que o passado, o presente e o futuro se mesclam no aqui-e-agora, onde o pesquisador imerge na proposta apresentada ao grupo, através da partilha da vivência e da percepção resultantes e está fundamentada em quatro pilares: arteterapia, arte elemento de contato, psico-oncopediatria e procedimentos paliativos. A metodologia aplicada no processo arteterapêutico foram as Oficinas Criativas (Allessandrini, 1996) e uma multiplicidade de modalidades e recursos expressivos. Além de expor minha trajetória pessoal, esta pesquisa teve o objetivo de mostrar que a arte é o elemento de contato entre o terapeuta e o sujeito e entre o sujeito e a expressão; onde, utilizando recursos expressivos sustentados pela base teórica da arteterapia, é possível catalisar elementos capazes de abrir caminhos, onde o cliente aprenda a lidar com os conteúdos de sua vida, ligados à sua saúde, autoconhecimento, bem estar, auto-estima e felicidade, bem como, demonstrar a aplicabilidade da arteterapia nos procedimentos paliativos voltados à psico-oncopediatria, facilitando a ação conducente á aceitação do processo morboso, seqüelas, mutilações e minimizando os efeitos deletérios e colaterais, promovendo o enfrentamento da doença, a assimilação do tratamento e a melhora da

¹⁶ Josefa da Cunha Carvalho Garcia – Graduada em Artes Plásticas pela Faculdade Marcelo Tupinambá e em Psicanálise pela Escola Paulistana de Psicanálise; Especialista em Arteterapia pelo INPG/FTS – Alquimy Art. Contatos: Rua Santa Crescência, 148 Casa 6, Ferreira – São Paulo – SP CEP 05.524-020. Telefone: (11) 2613-6071. E-mail: jokartika.c@gmail.com.

qualidade de vida. A análise dos dados baseou-se nas observações e informações advindas das expressões verbais, corporais e plásticas (produções) e nos depoimentos dos participantes no transcorrer dos encontros. O resultado foi o processo de crescimento, adaptação e transformação do sujeito, através do fazer criativo estabelecido entre o “eu” e o “ser criador”.

Palavras-chave: Arteterapia; Procedimentos paliativos; Psico-oncopediatria.

Data de recebimento: 30 de Abril de 2010.

Data de aceite: 30 de Abril de 2010.

Resumo de Monografia

OLIVEIRA, Meire Alencar Malvezi¹⁷. **A Arte como recurso de reorganização na melhoria da auto-estima.** Monografia (Especialização em Arteterapia). Taboão da Serra: INPG/FTS – Alquimy Art, 2007.

A monografia é resultado de uma experiência pessoal prática da autora, que baseada nos conhecimentos teóricos da arteterapia, do potencial criativo e do câncer infantil, desenvolveu um processo em que aplicou ao lidar com pacientes e acompanhantes. O objetivo dessa pesquisa é favorecer o desenvolvimento da consciência criativa de cada participante, possibilitando assim, uma reorganização de seu interior no processo da melhoria da autoestima, trazendo para cada um, melhor qualidade de vida ao enfrentar seus problemas. Neste processo foram utilizados os recursos das artes plásticas e de terapias expressivas, além de materiais alternativos. As metodologias utilizadas foram as Oficinas Criativas (ALLESANDRINI, 1996) constituída das seguintes etapas: sensibilização, expressão livre, elaboração da expressão, transposição da linguagem e avaliação. Através das terapias expressivas podemos utilizar os trabalhos artísticos como facilitador, fazendo emergir, por meio das produções e ou diálogo, a essência de nossa alma. Refletindo sobre esses aspectos pretendo mostrar que a arte não é só técnica pela técnica. Ela não trabalha apenas o visual, mas sim, a alma. Cada um traz dentro de si o milagre e o pecado. A arte é a mediadora entre a luz e a sombra e nos possibilita ampliar nossa consciência sobre a compreensão dos nossos conflitos: na melhoria da autoestima. O resultado, percebido pela análise dos dados qualitativos, por meio da observação e nas informações das expressões verbais e não-verbais (produção artística) dos envolvidos no

¹⁷ Meire Alencar Malvezi de Oliveira – Graduada em Artes Plásticas pela FAAP e em Desenho Geométrico pela Faculdade Marcelo Tupinambá, com Especialização em Arteterapia pelo INPG/FTS – Alquimy Art. Contatos - Rua Jaracatiá, 735 Bloco 08 Apto 44, Jardim Umarizal – São Paulo – SP CEP 05.754-071 Telefones: (11) 5845-0747 ou (11) 7979-6001. E-mail: meirealencar@uol.com.br

processo, foi a transformação de cada participante quanto ao modo de lidar com a realidade vivida. Do início ao final dos encontros, foi detectado em cada um, grande melhora quanto ao comportamento, à participação em grupo, no compartilhar com o outro, no exercício da paciência e na acessibilidade ao contato. Desta forma conclui-se que houve melhora da autoestima.

Palavras-chave: Arteterapia; Recursos; Reorganização; Auto-estima.

Data de recebimento: 30 de Abril de 2010.

Data de aceite: 30 de Abril de 2010.

Resumo de Monografia

DEPRET, Oneide Regina¹⁸. **Arteterapia: As deusas gregas e o “fazer arte” num processo de Autoconhecimento**¹⁹. Monografia (Especialização em Arteterapia). UNIP, 2005.

Trata-se de pesquisa qualitativa, empreendida para responder à seguinte **questão**: “Entrar em contato com os arquétipos das deusas gregas, através de atividades expressivas pode promover o autoconhecimento?” Com o **objetivo** de refletir sobre o desenvolvimento de técnicas que possam ser aplicadas a pessoas interessadas em aprofundar seu autoconhecimento, tanto em grupo quanto individualmente, planejou-se um **processo** composto por 8 encontros, com um grupo de 9 mulheres, incluindo a pesquisadora. Em cada oficina focalizou-se uma das deusas gregas (Atena, Ártemis, Deméter, Perséfone, Hera e Afrodite, nessa ordem), ocorrendo a apresentação oral do mito, a aplicação de atividade arteterapêutica condizente com o aspecto representado e, ao final, discussão, com a apresentação dos trabalhos e comentários sobre eles, troca de experiências e impressões pessoais. Na primeira reunião houve a apresentação da proposta e atividade destinada a promover a integração grupal, e na última discutiu-se o conjunto das oficinas e o seu sentido, propondo-se questões com o propósito de averiguar se cada participante: percebeu ter aumentado o conhecimento de suas próprias características; notou modificação nos padrões costumeiros de comportamento e se sentiu estimulada a modificar algo em si mesma. Após alguns dias, as participantes elaboraram depoimento escrito a respeito dessas questões, também relatando percepções, lembranças, decisões e o que mais julgassem relevante a respeito do

¹⁸ Psicóloga (USP), Arteterapeuta (UNIP), Professora de Mitologia Criativa em cursos de Especialização. E-mail: oneidepret@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5026584993625073>.

¹⁹ Desdobramentos desse trabalho foram apresentados em Congressos Brasileiros e Latino-Americano de Arteterapia e geraram grupos com enfoque preventivo e psicoterapêutico.

processo vivenciado. As informações utilizadas na análise de dados foram provenientes dos registros das reuniões; transcrição das gravações e depoimentos escritos.

Data de recebimento: 21 de Setembro de 2010.

Data de aceite: 21 de Setembro de 2010.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica, relatos de experiência, resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses.
2. Os artigos devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de

impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;

REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAL, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Citações indiretas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.